Giovanni Alves

Giovanni Alves

O triunfo da manipulação

Lukács e o século XXI

O triunfo da manipulação

Série Risco Radical 2

O triunfo da manipulação
Lukács e o século XXI

Arquivo.indb 1 25/07/2022 13:36:17

Arquivo.indb 2 25/07/2022 13:36:17

Giovanni Alves

O triunfo da manipulação

Lukács e o século XXI

PRAXIS

2022

Arquivo.indb 3 25/07/2022 13:36:17

Projeto editorial Praxis é a editora da RET
(Rede de Estudos do Trabalho)
(www.estudosdotrabalho.net)

Copyright© Projeto editorial Praxis, 2022

Coordenador-geral: Prof. Dr. Giovanni Alves (UNESP)

Conselho editorial
Dr. Ariovaldo Santos (UEL)
Dr. André Luiz Vizzaccaro-Amaral (UEL)
Dr. Edilson Graciolli (UFU)
Dr. Francsico Luiz Corsi (UNESP)
Dr. Giovanni Alves (UNESP)
Dr. José Meneleu Neto (UECE)
Dr. Ricardo Antunes (UNICAMP)
Dr. Renan Araújo (UNESPAR)

ISBN 978-65-84545-04-5

Apresentação

A coleção "Risco Radical", organizada pelo Projeto editorial Praxis (a editora da RET - Rede de Estudos do Trabalho), visa divulgar textos básicos sobre temas candentes para a crítica do capital no século XXI. O pequeno formato facilita a leitura e a disseminação de reflexões necessárias para a crítica do nosso tempo histórico.

Arquivo.indb 6 25/07/2022 13:36:17

Sumário

Introdução, 9

1. A presença de Lukács, 21

2. A crise ideológica do capital, 28

3. O triunfo da manipulação e o sociometabolismo da barbárie, 48

4. Estranhamento como fato universal, 76

Arquivo.indb 8 25/07/2022 13:36:17

Introdução

Nossa reflexão busca destacar o fato histórico de que a manipulação se tornou a característica essencial do capitalismo após a Segunda Guerra Mundial e que hoje, com a crise estrutural do capital, o poder da ideologia como manipulação assumiu proporções inéditas em termos históricos. Ao criar o termo "capitalismo manipulatório", Gyorgy Lukács foi visionário. O adjetivo "manipulatório" qualifica a natureza fundamental do sistema global do capital. Por isso, mais importante do que qualificar o capitalismo global como "capitalismo cognitivo", "capitalismo neoliberal" ou "capitalismo tecnológico" ou mesmo "capitalismo financeiro", o mais adequado para a critica do capital, é qualifica-lo como capitalismo manipulatório pois é a partir da sua natureza essencialmente manipulatória que o modo de produção capitalista

Arquivo.indb 9 25/07/2022 13:36:1

organiza hoje – mais do que nunca – a política, o trabalho, a subjetividade, a cultura, a ideologia e a tecnologia. Portanto, a manipulação numa dimensão inédita na história humana, organiza a reprodução do capital global.

Nunca o poder da ideologia enquanto manipulação adquiriu tanta força material. Após a Segunda Guerra Mundial, os recursos tecnológicos dos meios de comunicação e (des)informação de massa se desenvolveram de forma impressionate. Da televisão à Internet com redes sociais, tais meios de manipulação das massas, contribuíram para impulsionar a revolução cultural do capital. Numa dimensão historicamente inédita, o consumo e a política tornaram-se objeto da manipulação do capital. Não podemos subestimar o poder das novas tecnologias informacionais em alavancar o poder da ideologia e a manipulação da subjetividade humana a serviço dos interesses do sistema do lucro.

Lukács não viveu para ver o triunfo da manipulação, mas conseguiu vislumbra-la como elemento essencial da nova ordem da mais-valia relativa. Assim, vivemos numa era profundamente ideológica no sentido de era da manipulação que adquiriu uma sofistica-

Arquivo.indb 10 25/07/2022 13:36:1

da base tecnológica que permeia não apenas a produção e circulação do capital global, mas a totalidade viva da existência humana. Desde a década de 1980, o neoliberalismo não significou apenas uma revolução da economia e da política do capital (aumento da produtividade do trabalho e da produção da mais-valia relativa). O neocapitalismo neoliberal tem sido, acima de tudo, uma revolução cultural-ideológica permanente muito poderosa. O traço inovador do capital global é operar a fusão da ideologia com a tecnologia informacional em rede, incrementando a manipulação do núcleo ético-valorativo das relações sociais e da subjetividade humana (consciência e inconsciente social).

Ao tratar do americanismo e fordismo nos "Cadernos do Cárcere" em 1934, Antonio Gramsci discerniu o novo sentido histórico da luta de classes. A disputa pela hegemonia cultural tornou-se a disputa pelo futuro da civilização humana. A manipulação adquiriu tal proporção que imaginamos o fim do mundo, mas não o fim do capitalismo (como observou Mark Fisher no livro "Realismo capitalista", de 2009). Tal como Lukács, Herbert Marcuse em 1966 tratou do fechamento do universo político e locucional do capitalismo afluente após a Segunda Guerra Mundial. Emergiu a sociedade unidimensional

Arquivo.indb 11 25/07/2022 13:36:1

ou o homem unidemensional (*one-dimensional man*). Marcuse cultivou uma visão pessimista sobre o futuro das sociedades industriais. Em 1972, Ernest Mandel intitulou o capítulo 16 de seu livro clássico "O capitalismo tardio", de "A ideologia na fase do capitalismo tardio". Mandel – tal como Marcuse - criticou a ideologia da racionalidade tecnológica. Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, a problemática de crítica da ideologia foi a fonte de preocupação clássica das primeiras gerações do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt) - pelo menos, Adorno, Horkheimer, Marcuse e Habermas. No alvorecer do capitalismo global (1989), István Mészáros publicou um livro seminal: *The power of ideology*. No fundo, a mutação ideopolitica-tecnológica do tardo-capitalismo do pós-Segunda Guerra Mundial alterou a forma da luta de classes – incluindo a ideologia e a politica, e inclusive a forma da guerra – da "guerra de movimento" para a "guerra de posição" (Gramsci); ou ainda, da "guerra convencional" (militar) para a "guerra híbrida" (geoeconômica, geopolítica e tecno-cultural).

Não se tratou apenas da ideologia, componente ineiminável da vida social e do devir humano dos homens. O poder do capital global adquiriu a densidade sociometabólica da manipulação

Arquivo.indb 12 25/07/2022 13:36:1

enquanto processos ideológicos de subjetivação e (de)formação da consciência social alavancados por meio de processos tecnológicos. O capitalismo de plataforma é não apenas um modo de organização tecnológica do capital, mas uma forma ideológica comprimetida com a manipulação. Não se trata apenas de processos ideológicos propriamente ditos, mas de processos de deformação do sujeito social capazes de construir "visões de mundo" paralelos à efetiva realidade socio-histórica. Temos assim, "mecanismos ideológicos" de caráter global tão poderosos quanto artefatos militares propriamente ditos.

Na era da crise estrutural do capital, o poder da ideologia enquanto manipulação das massas tornou-se fundamental para a reprodução do sistema dominante. O que é decisivo é a escala superior da operação ideológica que assumiu uma forma qualitativamente nova tendo em vista o território global de luta pelo poder. A ideologia se fez manipulação adensada pelo complexo de contradições do capital. As determinações materiais da produção e da reprodução do sistema do lucro; a velocidade acelerada da circulação de idéias e mercadorias; os circuitos interconectados das trocas humanas, o movimento cumulativo da "fratura metabólica" entre o capital e a natureza – enfim, a "globalização"

Arquivo.indb 13 25/07/2022 13:36:1

da civilização do capital, produziu formas inéditas do devir histórico, operando saltos qualitativamente novos no plano da dinâmica social. Na verdade, o movimento complexo do globo do capital, fraturado pelas disputa hegemônicas entre suas frações politicas interestatais (cada uma delas, de posse do poder nuclear), tem produzido nas últimas décadas de capitalismo global, saltos e descontinuidades que exigem do pensamento crítico reelaborações categorias de alto nível. Foi nesse sentido que Lukács sinalizou com o "renascimento do marxismo" capaz de ser a critica histórica do nosso tempo.

Com o capitalismo global, alienação, estranhamento e o fetichismo como forma de objetividade social do capital, adquiriram dimensões inéditas e qualitativamente novas, tendo em vista a crise estrutural do capital. Como destacou Lukács numa de suas entrevistas da década de 1960, "em termos de história universal, estamos no limiar de uma crise mundial". A idéia de crise mundial significava a crise estrutural do capital que tem caracterizado pelo menos, os últimos cincoenta anos de declínio do capitalismo (*twilight capitalism*). Existe algo de novo no reino do capital – e isto apodreceu. Não se trata de mera reposição de formas estruturais do ser alienado do modo de produção capitalista, mas sim,

Arquivo.indb 14 25/07/2022 13:36:1

de saltos qualitativamente novos na esfera do ser social capitalista que exacerbou a alienação, o estranhamento e o fetichismo, e portanto, o poder da ideologia enquanto manipulação. Assim, a elaboração critica a partir do pensamento de Karl Marx, é mais necessária do que nunca - mas não suficiente. É isto que os marxistas precisam entender caso queiram fazer renascer o marxismo para além das leituras dogmáticas e sectárias do legado marxiano.

Portanto, o capitalismo global, de cariz neoliberal, financeirizado e flexível, fez surgir a "sociedade do cansaço" e com ela, o "sujeito neoliberal" e a nova Razão do mundo. A rigor, o sujeito neoliberal é um não-sujeito. O sentido da ideologia capitalista enquanto manipulação, alterou-se na medida em que tem no seu cerne o desmonte do sujeito moderno capaz de consciência de classe. É assim que operou a "dessubjetivação de classe". A revolução cultura do neoliberalismo reforçou os valores do individualismo e da competição entre as pessoas. A lógica do mercado penetrou na alma de homens e mulheres. A reestruturação produtiva do capital e a precarização do trabalho assumiram não apenas o caráter de inovação tecnológico-organizacional, mas fundamentalmente de ofensiva ideológica caracterizada pela "captura da subjetividade" do trabalho vivo pelos valores-fetiches

Arquivo.indb 15 25/07/2022 13:36:1

do capital. A manipulação aprofundou clivagens geracionais e o movimento da ideologia enquanto manipulação cultivou o fragmento e a diferença para a partir daí, reforçar o *particularismo*. O identitarismo crassante na visão de mundo pós-moderna é o exemplo-mor do particularismo que reduz as identidades de classe a fragmentos de pessoas ensimesmamadas. O não-sujeito neoliberal perdeu a visão de transcendência da ordem mercantil-capitalista. A ideologia do capital operada pela manipulação, produziu efetivamente o espaço da subjetivação da barbárie social.

Em síntese: o vínculo entre ideologia enquanto manipulação, aprofundamento do estranhamento e barbárie social, é intensivamente flagrante. É o que apresentamos, de modo ensaístico, neste pequeno livro sobre a atualidade do pensamento vivo de Lukács. Mais do que nunca se tornou preciso aproximar a reflexão filosófica lukacsiana dos problemas históricos e sociais do século XXI. A paralisia da imaginação dialética pela apropriação academicista - meramente filosófica - do legado de Lukács é trágico. Talvez tenha sido expressão do *debacle* do movimento operário comunista e do marxismo tradicional. Mas, o século XXI pode ser o tempo histórico do renascimento do marxismo. É preciso fazer renascer o marxismo de Lukács em profundo

Arquivo.indb 16 25/07/2022 13:36:1

diálogo com as ciências humanas que discutem a problemática do nosso tempo histórico. É preciso ir além da filosofia no sentido escolástico ou academicista. A crítica do capital se fortalece indo além da divisão intelectual do trabalho imposta pelo sistema universitário. Não se trata da mera interdisciplinariedade (ou transdisciplinariedade), mas sim do resgate do sentido histórico-materialista da crítica da totalidade social do capital.

A crise estrutural do capital esgotou a eficácia heurística da divisão das ciências particulares do homem. A ontologia do ser social e o entendimento das categorias de trabalho, ideologia, reprodução social e estranhamento, exigem uma elaboração categorial de maior concreção, com a incorporação à agenda critico-reflexiva do ser social, da discussão histórica dos fenômenos de manipulação e da barbárie social vinculados com o estudo dos movimentos da produção (e reprodução) do capital na perspectiva da crítica da economia política e da crítica da política e da subjetividade burguesa. Ao mesmo tempo, tais determinações do pensamento ontológico lukacsiano adquirem maior envergadura com a confluência entre a *crise fundamental do modo de produção capitalista* e *crise metabólica do capital*. Por um lado, a crise da economia (crises financeiras e bolhas especulativas) e da geopolíti-

Arquivo.indb 17 25/07/2022 13:36:1

ca do capital (o imperialismo estadunidense); e por outro lado, a explicitação das contradições metabólicas do capital que se manifestam – por exemplo - nas transições ecológicas (aquecimento global e mudanças climáticas); transição epidemiológica (a nova era de epidemias e pandemias que abatem o corpo e a mente do trabalho vivo); e transição demográfica (o envelhecimento populacional global).

O complexo de contradições do capital exposta pela fratura metabólica entre o capital e a Natureza (inclusive, o trabalho vivo), evoluiu com a profunda mutação da base tecnológica (a Quarta Revolução Industrial). O mundo do trabalho enquanto totalidade social (a perspectiva de classe) está sendo perpassado irremediavelmente por contradições globais, interconectadas e entrelaçadas num *complexo de complexos* sociais. Enquanto indivíduos histórico-mundiais, a perspectiva infranacional é inadequada para a verdadeira resolução da problemática humana no século XXI. Diante da explicitação dos limites absolutos do processo de valorização do capital, o movimento do sistema do lucro manifesta de modo exacerbado – mais do que nunca - seu caráter necrófilo. O movimento do capital não apenas explora e desvaloriza a força de trabalho humana, mas opera o movimento de

Arquivo.indb 18 25/07/2022 13:36:1

destruição de população excedentes do trabalho vivo. O triunfo da manipulação é o triunfo do capitalismo senil que alcançou seu ápice com a pandemia de 2020, a guerra na Ucrânia e a recessão global que se avizinha. É isto que presenciamos nas últimas décadas de capitalismo neoliberal. E mais do que isso – é o triunfo catastrófico do capitalismo neoliberal que demonstraou há tempos, ser incapaz de futuridade. Não se trata de imaginar um capitalismo pós-neoliberal porque ele não existe. *O modo de produção capitalista faliu historicamente em resolver os problemas candentes da espécie humana no estágio superior do processo civilizatório.* Talvez no decorrer do século XXI, a necessidade histórica do socialismo deve se impor à consciência contingente das massas ainda iludidas pelo politicismo da democracia liberal senilizada.

Do ponto de vista teórico-prático, nunca foi tão importante fazer a crítica da ideologia enquanto manipulação do capital numa perspectiva da totalidade social. A critica da economia política se põe como necessidade do pensamento crítico – caso ele queira prosperar. A ideologia enquanto manipulação implica também a manipulação (e degradação) da inteligência acadêmica "capturada" pelo neopositivismo e pelo pós-modernismo. Academicismo, carreirismo e burocratização do

Arquivo.indb 19 25/07/2022 13:36:1

espírito acadêmico são males do nosso tempo histórico. Enfim, o capitalismo global financeirizado altamente tecnologizado e historicamente senilizado, tornou-se assim, incapaz de levar adiante o processo civilizatório. Os problemas do capitalismo senil são problemas globais exigindo do nosso aparato teórico-critica uma perspectiva da materialidade histórica da totalidade social. Os vários problemas globais se interrelacionam de modo historicamente inédito, operando um salto qualitativamente novo que nos diz que vivemos um tempo radical de crise da civilização do capital.

Marilia, 9 de julho de 2022

Arquivo.indb 20 25/07/2022 13:36:1

1

A presença de Lukács

Na última década de vida (1961-1971), György Lukács acompanhou com atenção os primórdios da nova temporalidade histórica aberta com a crise estrutural do capital que se iniciou em fins da década de 1960. Encerrava-se os "anos dourados" da fase de ascensão histórica do capitalismo manipulatório iniciada logo após o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945. A década de 1960 foi a década dos "anos rebeldes". Lukács tinha consciência (em 1969) de que "estávamos no limiar de uma profunda crise mundial". A profunda crise do sistema global do capital teve como principal marco histórico, a recessão global de 1973-1975, a primei-

Arquivo.indb 1 25/07/2022 13:36:1

ra recessão global após 1945. Ela foi o cume de um processo de crise iniciado em meados da década de 1960. Depois dela, o capitalismo nunca mais foi o mesmo. A "grande crise" (recessão e estagflação) percoreu a década de 1970 e impulsionou nas décadas seguintes. a fúria reestruturativa do capital. A intensa (e extensa) reação capitalista atingiu as diversas esferas da vida social, persistindo pelo menos, há mais de meio século (1980-2020). Podemos caracterizar a nova temporalidade histórica do capital global pela *reestruturação produtiva* (tecnológica, organizacional e territorial), que teve profundos impactos na morfologia da classe operária. Formou o Estado (e sociedade civil) neoliberal. As políticas neoliberais de flexibilização do trabalho com a degradação da contratação salarial e o aumento do desemprego de massa, constituiram um novo e precário mundo do trabalho. Além disso, a crise de hegemonia do capital na produção e reprodução social, fez com que, a partir da década de 1970, o sistema impulsionasse uma verdadeira "revolução cultural" com o pós-modernismo e a disseminação dos valores neoliberais. É por isso que o capital formatou não apenas o Estado neoliberal, mas a sociedade civil neoliberal. A mutação da ordem global do capital adquiriu impulso com o colapso das experiencias socialistas no Leste Euro-

Arquivo.indb 2 25/07/2022 13:36:1

peu e URSS em fins da década de 1980 e começo da década de 1990. Tivemos a crise dos partidos socialistas e comunistas e a derrocada do sindicalismo de classe. A politica imperialista dos EUA impôs o Consenso de Washington e após o fim da URSS, a política de total dominação global. No começo da década de 1990, abriu-se a nova temporalidade histórica do capitalismo manipulatório, o *capitalismo global* tal como temos denominado a fase histórica tardia do capitalismo manipulatório (Alves, 2018).

A nova ordem global neoliberal do capital caracteriza-se essencialmente pelo aprofundamento e triunfo da manipulação tal como percebida por Lukács em meados da década de 1960. Tivemos o poder da ideologia como manipulação. A revolução informacional (Lojkine, 1995); e a constituição da Internet e das redes sociais na década de 2010, além da proliferação dos *smartphones* e o império das corporações tecnológicas de informação e comunicação, aprofundaram a manipulação na vida cotidiana numa dimensão inaudita (trabalho, consumo, politica). Desde a crise mundial de lucratividade de 1973-1975, o triunfo da manipulação representou o aprofundamento do fetichismo da mercadoria e do estranhamento na vida social, consuman-

Arquivo.indb 3 25/07/2022 13:36:1

do-se o sociometabolismo da barbárie (Alves, 2011). Nas entrevistas concedidas por Lukács na década de 1960, o filósofo húngaro vislumbrou como problema fundamental da era do capitalismo senil, a intensificação e amplitude da manipulação e o aprofundamento do fenômeno do estranhamento - tal como concebido por ele na sua inacabada *Por uma Ontologia do Ser Social*. Acompanhando o mestre, István Mészáros percebeu a importância da problemática da alienação, publicando em 1970, "A teoria da alienação em Marx" [*Marx´s theory of alienation*, título original da 1ª. edição inglesa pela Merlin Press. A edição alemã - de 1973 - intitulou-se *Der Entfremdungsbegriff bei Marx*, publicado pela List Verlag Munchen].

Lukács foi um filosofo de muitas vidas. A prática da crítica e autocrítica fez parte da sua personalidade. Nunca se recusou a fazer a autocrítica de idéias que defendeu no passado. Lukács falou em "renascimento do marxismo". Mas a sua própria vida foi uma vida de renascimentos, criticas e autocriticas. Lukács observou de modo categórico em 1966: *"Comecei minha verdadeira obra aos setenta anos"* (Lukács, 2020: 29) É por isso que designamos o "último Lukács" como sendo o Lukács de 1955 a 1971. Nenhum filósofo foi tão conscien-

Arquivo.indb 4 25/07/2022 13:36:1

te de sua própria trajetória intelectual-filosófica como ele. Foi um homem de muitas vidas em constante processo de autoaprimoramento teórico-critico. Percorreu diversas conjunturas históricas no século XX e soube refleti-las com paixão pela razão dialética, não temendo a autocritica (o que o diferenciou radicalmente dos marxistas do século XX, muitos deles aprisionados numa perspectiva deveras dogmática). *O pior erro do marxismo foi renunciar à crítica e autocritica*. O stalinismo representou a maior degradação do marxismo no século XX. Por exemplo, a resposta de Lukács a Lucien Goldman foi sincera e contundente. O filósofo francês tinha se apegado demasiadamente a "História e Consciência de Classe" (publicado por Lukács em 1923), esquecendo todo o desenvolvimento posterior de Lukács (Tertulian, 2008:292). Goldmann não cessou de glorificar Lukács como "o maior pensador do século XX", mas, exclusivamente, pela contribuição trazida por suas obras de juventude. Numa carta enviada no dia 1° de outubro de 1959 (e que é uma amostra do estilo epistolar lukácsiano), Lukács deu-lhe uma resposta contundente. Disse ele:

"Se eu estivesse morto por volta de 1924, e se minha alma imutável tivesse olhado vossa atividade literária do além, estaria plena de um verdadeiro

Arquivo.indb 5 25/07/2022 13:36:1

reconhecimento por ocupar-vos tão intensamente com minhas obras da juventude. Mas, como não estou morto e, durante trinta e quatro anos, criei o que deve chamar-se de a obra de minha vida e como, em suma, para vós, essa obra não existe de forma alguma, é difícil para mim, como ser vivo, cujos interesses são dirigidos, evidentemente, para a sua própria atividade presente, levar em conta vossas considerações." (Lukács, 2020:292)

Nosso objetivo, num primeiro momento, é demonstrar que o último Lukács (1955-1971) anteviu o caráter essenvcial da nova era do capitalismo tardio nas condições da crise estrutural do capital. Na verdade, aquilo que veio a caracterizar a nova ordem do capital global - *o caráter manipulatório da ideologia capitalista* - tinha começado a se manifestar com vigor, no auge (e crise) do capitalismo tardio - décadas de 1950 e 1960 (o neocapitalismo após a Segunda Guerra Mundial). A partir de passagens das entrevistas de Lukács (organizadas por Ronaldo Vielmi Fortes no livro publicado pela Boitempo editorial de 2020), iremos salientar a atualidade candente das reflexões tardia (e incompletas) do último Lukács.

O traço candente do capitalismo global é a exacerbação da manipulação. Pois isso ele deve ser denominado "capitalismo manipulatório". Na

Arquivo.indb 6 25/07/2022 13:36:1

verdade, após a morte de Lukács em 1971, verificamos nas décadas seguintes de ascensão e crise do capitalismo global, o triunfo da manipulação e por conseguinte, a disseminação do sociometabolismo da barbárie com sendo o traço fundamental do sistema global do capital no século XXI.

Depois iremos tratar de modo introdutório, da natureza do capitalismo manipulatório e do aprofundamento do estranhamento como traço ineliminável de exacerbação do choque reacionário do capital tal como se verificou nas décadas seguintes. Embora Lukács não tenha percebido o fracasso das experiências socialistas do Leste Europeu e da URSS e tenha subestimado a capacidade do sistema global do capital – no caso, o capitalismo estadunidense – em reagir a sua crise profunda tal como ele constatou na década de 1960, as percepções dele sobre a necessidade de renovação do marxismo (critica do stalinismo, o socialismo como democratização da vida cotidiana e a afirmação do método do marxismo ontológico capaz de entender as mudanças substanciais do capitalismo tardio, isto é, o surgimento do capitalismo manipulatório e suas implicações ético-políticas e ideológicas).

Arquivo.indb 7 25/07/2022 13:36:1

2

A crise ideológica do capital

Um dos temas candentes das várias entrevistas dadas pelo velho Lukács foi a crise da *hegemonia estadunidense*, não apenas pelo esgotamento do ciclo de crescimento da economia dos países capitalistas centrais, mas pela irrupção do movimento contra a guerra do Vietnã; a contracultura; a luta dos negros pelos direitos civis e pela revolução social; o movimento estudantil contestando os pilares da ordem burguesa (Maio de 68), as guerras de libertação nacional na África e Ásia. Na pers-

pectiva da totalidade do sistema-mundo do capital, tais eventos eram indícios da profunda crise geral do capitalismo; e na perspectiva de Lukács, representava a falência da ideologia do *American way of life*. Numa entrevista de 1968, Lukács interpretou isto como sendo a *crise ideológica* do sistema: "As ideologias formadas nos países capitalistas determinantes, sobre a base da vitória de 1945, entraram, sem exceção, em crise. Isso se vê claramente nos Estados Unidos, onde o sonho da 'hegemonia estadunidense' política e ideológica depois de 1945, e a ilusão referente ao modo de viver estadunidense, desabou. Hoje, mais ainda, a guerra do Vietnã e as enormes dificuldades de integração dos negros tornam evidente que essa ideologia estadunidense formada em 1945 está quase completamente falida (Lukács, 2020:43).

É curioso que Lukács tenha acreditado na impossibilidade de incorporação dos negros no capitalismo estadunidense (Lukács, 2020:198). A virada capitalista ocorrida na década de 1970, mostrou o folego do sistema capitalista estadunidense em renovar-se ideologicamente, visando incorporar os negros, tal como ocorreu também o movimento da juventude e das mulheres. Negros, jovens e mulheres, cada um a seu modo, foram incorporados ideologicamente ao *establish-*

Arquivo.indb 9 25/07/2022 13:36:1

ment por meio da perspectiva neoliberal de ascensão social pela educação como meritocracia. Este foi um dos exemplos do *triunfo da manipulação* ocorrido com o capitalismo neoliberal, isto é, o triunfo da ideologia neoliberal em converter aspirações de contracultura e revolução social em aspirações de *sucesso* por meio do esforço individual dentro da ordem capitalista.

Desde 1966, como nos mostram as entrevistas de Lukács, ele tinha observado sinais de crise do *establishment*. A ebulição social nos EUA e na Europa Ocidental indicava fraturas na ordem do capitalismo tardio. Em 1964, Herbert Marcuse publicou *One-Dimensional Man: Studies in the Ideology of Advanced Industrial Society* (no Brasil, o livro intitulou-se "A ideologia da sociedade industrial: O homem unidimensional",). No livro, Marcuse destacou a integração do proletariado pela sociedade industrial, vendo no movimento de contestação estudantil, os novos sujeitos revolucionários. Entretanto, diferentemente de Marcuse, Lukács foi um crítico dos movimentos de contestação intelectual e estudantil do sistema no Ocidente. Numa entrevista de 1969 observou: "Estudantes e intelectuais ainda não produziram um programa genuinamente

Arquivo.indb 10 25/07/2022 13:36:1

elaborado. O programa que eles produzem na maioria dos casos é muito ingênuo. Os jovens, por exemplo, muitas vezes falam sobre a necessidade de eliminar a manipulação e fazer do trabalho um jogo. Isso levaria à renovação do que [Charles] Fourier exigia no início do século XIX e que Marx ironizou nos anos 1840. *Estamos lidando com um movimento ainda muito imaturo ideologicamente, mas que deve ser valorizado positivamente, porque representa uma oposição às contradições da sociedade capitalista manipulatória*". E frisou: "Em termos de história universal, estamos no limiar de uma crise mundial. *Esse período pode durar cinquenta anos*. Isso deve ser esclarecido de vez, devemos germinar num *tempo histórico de crise* e estar plenamente cientes disso" (Lukács, 2020:137) [o grifo é nosso]. Talvez a ingenuidade e a imaturidade do movimento de contestação estudantil e intelectual a que Lukács faz referencia, possa explicar - pelo menos em parte - o seu fracasso diante da feroz reação capitalista neoconservadora da década de 1970.

Lukács colocou a problemática da crise ideológica na perspectiva da luta de classes. Em que medida o movimento socialista poderia dar respos-

Arquivo.indb 11 25/07/2022 13:36:1

ta à crise? Disse ele: "A ideologia do *American way of life* está entrando em colapso com a guerra do Vietnã, como também internamente, com a questão dos negros. A situação é análoga na Inglaterra e mesmo em outros lugares. *Trata-se de saber em que medida somos capazes de suplantar essa ideologia e apresentar uma nova ideologia*" (Lukács, 2020:137) [o grifo é nosso]. Isto é, teriam os países do socialismo burocrático capacidade de apresentar uma nova ideologia que fizesse a disputa pela hegemonia cultural no Ocidente. O filósofo húngaro destacou o dano desastroso do stalinismo no movimento dos trabalhadores europeus. A *nostra res agitur* – o sentimento de que, por exemplo, o que estava acontecendo na União Soviética e nos países socialistas era algo decisivo para a própria vida dos trabalhadores europeus (sentimento que havia na Europa logo após a Revolução Russa de 1917) - só poderia ser recuperado com a revitalização da *democracia socialista* - ou melhor *democratização socialista* (indico a leitura do escrito seminal do velho Lukács publicado postumamente intitulado "O processo de democratização") (Lukács, 2008: 83-206).

Na perspectiva lukacsiana, a crise do capitalismo manipulatório na década de 1960 era, acima de tudo, uma crise ideológica. Não se tratava de

Arquivo.indb 12 25/07/2022 13:36:1

mera crise da economia capitalista (crise de lucratividade) tal como "explodiu" na recessão global de 1973-1975. Era uma *crise cultural.* A insatisfação com o capitalismo poderia ou não ser aproveitada pelo socialismo. Esta era a questão: "Todos aqueles que estão insatisfeitos com o capitalismo, tanto económica quanto política e culturalmente, voltam-se instintivamente para nós para obter uma resposta inteligente a seus problemas. Agora, se lhes dermos uma resposta burocrática, nascida de um pensamento tático momentâneo, ou das obras de um suposto escritor bem considerado por nós, fica claro que o prestígio do socialismo diminui e se forma cada vez mais a opinião no Ocidente - entre os que não defendem o capitalismo, porque não podem defendê-lo - de que o destino da humanidade é, em essência, sem esperança, e infelizmente muita coisa já foi formada nesse sentido; nem o capitalismo nem o socialismo conseguem dar uma resposta. Por isso temos a séria responsabilidade de prescrever imperativamente a via que devemos percorrer". (Lukács, 2020:137)

A constatação de Lukács foi correta. Por isso, o neoliberalismo como reação capitalista na década de 1970 e 1980 não foi apenas resultado da reestruturação da economia e da política do capital, mas, principalmente, sim, resultado da revolução

Arquivo.indb 13 25/07/2022 13:36:1

ideológica (e cultural) do capitalismo tardio em sua etapa de crise estrutural.

A ruina do capitalismo não levaria inevitavelmente ao triunfo do socialismo. Caso o socialismo real - naquela época - não apresentasse produtos culturais de ordem superior e não apresentasse a democratização da vida cotidiana, ele *não* conseguiria dar resposta às insatisfações das massas e aproximar a juventude do marxismo. O sentimento de revolta iria se diluir e o sistema do capital poderia se recompor numa nova ofensiva ideológica. Foi isso que historicamente aconteceu nas décadas de formação e ascensão do capitalismo global (1975-1991), quando o capital fez uma revolução cultural que representou o triunfo da manipulação e a derrocada do socialismo como aconteceu com o fim do Leste Europeu e da URSS. De acordo com o Lukács da entrevista de 1970, as primeiras manifestações da crise estrutural do capital era o momento para a renovação do marxismo na perspectiva de dar resposta às insatisfações das massas. Disse ele: "Estamos num começo de choque revolucionário" (Lukács, 2020:191). O *fator subjetivo* era importante - não apenas para afirmar a experiência socialista, mas para *calibrar o tempo de duração da crise*. Tal crise do sistema global do capital - que Mészáros deno-

Arquivo.indb 14 25/07/2022 13:36:1

minou "crise estrutural do capital" - persiste pelo menos há cinquenta anos (1970-2020). Na verdade, ela se trata de uma *crise histórica de longa duração*. O capitalismo global é a forma histórica da crise estrutural do capital no interior da qual as contradições do valor "afetado de negação" se manifestam com desenvoltura (Alves, 2018).

Mas a invasão da Tchecoslováquia pela URSS em 1968 abateu a perspectiva otimista de Lukács no renascimento do socialismo. Na entrevista dada em 1970 por ele a Franco Ferraroti, Lukács foi duro com o marxismo. "[...] ainda somos todos stalinistas. Sem uma teoria geral da sociedade e de seu momento não se sai do stalinismo." Enfim, o marxismo enquanto única teoria geral da sociedade estava fechado. O marxismo como uma teoria geral da sociedade e da história, sofreu uma interrupção: "Fechou-se", disse ele. Ao ser provocado por Ferraroti, foi mais duro: "[o marxismo] não existe mais, já terminou já a algum tempo [...] não há mais teóricos. Existem apenas táticos" (Lukács, 2020:207) – isto é, aqueles que põem a prática a frente da teoria "e talvez contra ela", tal como fez Stálin. No conjunto de entrevistas, Lukács salientou, de modo enfático, a necessidade dos marxistas irem além dos fragmentos e criarem uma *teoria*

Arquivo.indb 15 25/07/2022 13:36:1

marxista da análise dos fenômenos sociais hodiernos (Lukács, 2003:78). Esta é a perspectiva da "totalidade concreta" que Lukács - desde "História e Consciência de Classe: Estudos sobre a dialética marxista" (HCC) em 1923 - tem enfatizado como sendo a perspectiva marxista. Enfim, não se trata de reivindicar uma mera *crítica da economia política*, embora ela própria seja a condição necessária para uma análise materialista do capitalismo manipulatório. A necessidade do novo "O Capital" é interpretar o *novo capitalismo da crise*, sendo esta a necessidade da luta ideológica. O renascimento da teoria e do método de Marx ocorreria quando enfrentarmos uma *nova teoria marxista da reprodução ampliada,* abrangendo de acordo com ele, *três complexos de problemas*:

Em PRIMEIRO lugar, uma nova teoria da reprodução ampliada pois aquela apresentada no Livro II de "O Capital", de acordo com Lukács possui lacunas, sendo de natureza fragmentária.

Em SEGUNDO lugar, falta uma análise efetiva do capitalismo hoje existente. Lukács destacou que Karl Marx escreveu "O Capital" há cem anos (1967-1867) e portanto, embora a obra-prima de Marx seja necessária, não é suficiente: "Não sou economista nem especialista nesse assunto, apenas me permita apontar um exemplo: na época de

Arquivo.indb 16 25/07/2022 13:36:1

Marx basicamente só a indústria pesada e algumas indústrias de matérias-primas eram realmente capitalistas. Aquilo que era produzido para o consumo e para os chamados serviços estava quase inteiramente no nível do artesanato. E ao ler as teorias de Marx, você verá que evidentemente - isso não é uma cesura, pois não poderia ser de outra forma - elas estão baseadas no capitalismo que realmente existia em sua época" (Lukács, 2020:213). Portanto, em meados da década de 1960, o ramo de serviços tinha se tornado um grande território capitalista - e faltava, observou Lukács, uma análise marxista de peso sobre isso. A sociedade capitalista tornou-se uma "sociedade de consumo".

Economicamente, o capitalismo em tempos anteriores a Marx era um capitalismo da chamada "indústria pesada" no sentido mais amplo, e a produção dos meios de consumo estava em grande parte nas mãos dos artesãos. Isso teve duas consequências: "Uma consequência foi que, para o capitalismo, o consumo dos trabalhadores era algo completamente indiferente, pois os bens de consumo dos trabalhadores eram comprados de pequenos artesãos e não-capitalistas, de modo que, para o capitalismo, se o trabalhador ganhava x ou 2x por semana, do ponto de vista económico, isso era completamente indiferente. [O

Arquivo.indb 17 25/07/2022 13:36:1

capital] acumulava expropriando os pequenos artesãos, os artesãos entraram na fábrica, e o assunto acabou. Enquanto isso o processo tomou seu rumo, gradualmente e a indústria de bens de consumo se tornou completamente capitalista e mesmo, como se pode ver em toda parte, os chamados serviços, que há 100 ou 150 anos não tinham nada a ver com o capitalismo" (Lukács, 2020:174/175). Ao tratar disso, Lukács deu um exemplo: "Não sei se você sabe - você é muito jovem para isso, eu sei -, as férias de verão em minha juventude consistiam em alugar parte de um casarão num lugar com o dono do casarão e cozinhar com um cozinheiro da aldeia, ou passar o verão com os próprios cozinheiros, que eram levados para as terias. Hotéis em balneários eram grandes raridades naquela época. Não digo, pois, que Carlsbad, Marienbad etc. não tinham hotéis. Mas é claro que, de fato, ainda que mais ridículas, remotas e climáticas, naturalmente não havia nas aldeias algo que pudesse ser considerado um hotel" (Lukács, 2020:175).

Assim, o capitalismo tornou-se o proprietário de toda a indústria de produção, de toda a indústria de bens de consumo e de todos os serviços. Como resultado, por um lado, não

Arquivo.indb 18 25/07/2022 13:36:1

existem mais artesãos, ou existem apenas em número mínimo: eles tiveram de perecer para se tornar trabalhadores na fábrica. A ampliação extensiva do capitalismo torna-se mais difícil, resultando em uma ampliação intensiva por meio do aperfeiçoamento dos meios de produção. E, em segundo lugar, o capitalismo passou a ver seriamente o trabalhador como um consumidor. Por conseguinte, todo o capitalismo tem interesse – disse ele – "de que os salários aumentem e a hora de trabalho se reduza, pois, ao fazê-lo, o trabalhador torna-se um melhor consumidor, uma questão que no tempo em que Marx viveu nem sequer existia como questão". Lukács afirma isso em meados da década de 1960, isto é, no auge do "capitalismo afluente" do pós-guerra. Entretanto, com a crise de lucratividade e a recessão global de 1973-1975, ocorreu a desindexação dos salários reais aos ganhos de produtividade do trabalho.

A percepção de Lukács de que teriamos cada vez mais a expansão da indústria de bens de consumo duráveis e o crescimento dos "serviços" nos paises capitalistas ocidentais demonstrou estar correta. O desenvolvimento dos serviços no território capitalista e a expansão do consumismo não se tratava de mera extensão quantitativa da esfera de influência

Arquivo.indb 19 25/07/2022 13:36:1

do capitalismo, mas sim de mudanças qualitativamente novas, diretamente relacionado do ponto de vista econômico com o consumo da classe trabalhadora - mesmo a situação de crise estrutural do capital não revereu isso. O consumo tornou-se uma esfera privilegiada da manipulação capitalista. *A predominância da mais-valia relativa significou a expansão da reificação (e do estranhamento) na vida social* (eis a reiteração do "velho" tema que Lukács abordou em HCC de 1923). Disse ele: "Sem entrar em detalhes, permita-me constatar como consequência disso, o mais-valor relativo, como forma de exploração , acaba dominando o mais-valor absoluto, pois somente a produção do mais-valor relativo garante a intensificação da exploração em caso de aumento do consumo (e do tempo livre) dos trabalhadores. Com isso, no entanto, o capitalismo não deixa de ser capitalismo. Marx escreveu em algum lugar que somente com o predomínio do mais-valor relativo, a 'subsunção real' da economia pôde ocorrer no capitalismo" (Lukács, 2020:216).

Embora Lukács tenha acertado que o consumo tornar-se-ia um importante território do movimento do capital, errou quando afirmou que o aumento do consumo se traduziria no aumento do tempo livre dos trabalhadores. Na era do capitalismo global, *o tempo de vida reduz-se cada vez mais,*

Arquivo.indb 20 25/07/2022 13:36:1

a tempo de trabalho. Ao mesmo tempo, presenciamos a dominância dos serviços, com a produção social em sua totalidade se tornando capitalista. Os EUA são o exemplo: "Desde que a produção global se tornou capitalista - de acordo com as estatísticas estadunidenses, há mais pessoas empregadas nos serviços hoje do que na indústria pesada – o consumo da classe trabalhadora é da maior importância para o funcionamento do capital global".

Mas Lukács recoheceu que existem problemas para o capital global na medida em que o consumo da trabalhadora se tornou da maior importância. Diz ele: "[...] o consumo total da sociedade representa um problema, pois se põe a questão de que os trabalhadores são considerados consumidores do capitalismo. *Mas o capitalismo só pode resolver essa questão de maneira puramente mercadológica*". [o grifo é nosso]. O capitalismo abarca, investe, compreende muito de perto, até condiciona, todos os aspectos da vida. A lógica do capitalismo tende a coincidir com a própria lógica do processo social como tal, expandindo-se e envolvendo-se toda a vida social: "Do *capitalismo parcial* do último século passamos para o *capitalismo generalizado*. Nesse sentido, longe de estar exaurido, pode-se dizer que o marxismo nem mesmo começou. Em todo caso, e paradoxos à parte, é preciso comple-

Arquivo.indb 21 25/07/2022 13:36:1

mentar o marxismo; é preciso estudar aquilo que Marx não estudou a fundo." (Lukács, 2020:204) [o grifo é nosso]

A reivindicação lukacsiana foi que devíamos produzir uma análise do capitalismo que, com métodos marxistas, mostresse precisamente as características específicas do capitalismo hoje. (p.159). Temos hoje uma economia capitalista, mas estruturada de outro modo; e devemos agora submeter todas as categorias que Marx estabeleceu para o capitalismo da década de 1880 a uma nova investigação marxista. A necessidade da luta ideológica faz com que seja preciso ir além do dogmatismo. Para Lukács é o *marxismo dogmático* que nos coloca a espera da eclosão de uma nova crise como a de 1929. Ao mesmo tempo, é preciso confrontar os teóricos burgueses que dizem não existir mais capitalismo e que a análise de Marx é um documento do século XIX. Disse ele: "Embora eu não seja economista, penso que essa transformação pode ser inteiramente explicada com a ajuda do método marxista" (p. 211). Mas Lukács alertou que "os motivos econômicos não explicam nada. É preciso sempre estar atento ao risco de interpretar mecanicamente o marxismo. A interpretação positivista

Arquivo.indb 22 25/07/2022 13:36:1

do marxismo é premissa, política e filosófica, do oportunismo e também do stalinismo." (p, 211).

Em TERCEIRO lugar, Lukács observou que há cem anos, Marx pôde examinar as leis de reprodução da forma social de produção apenas no capitalismo. Hoje podemos perguntar se, além do número certamente considerável de aspectos comuns existentes na reprodução capitalista e na reprodução socialista - na época, a URSS, não existem determinações que se fazem valer em ambas as formações sociais. Inclusive, isto trata de um problema teórico muito importante; por isso, não se deve antecipar precipitadamente seus resultados. Assim, o *renascimento do marxismo* é isso: "Examinar exatamente quais são as peculiaridades económicas do capitalismo de hoje e então fazer com que a atitude em relação ao capitalismo dependa dessa análise e não das análises de oitenta anos atrás". (p. 175). Esta é, portanto, a necessidade de elaboração de uma teoria geral marxista aplicada às condições atuais – *o que se trata de uma tarefa coletiva e não de pensadores solitários individuais*: "Há fenômenos novos sobre os quais não temos nada a dizer". Disse Lukács: "Observo que os marxistas esperam pela grande crise do capitalismo, mas o capitalismo não tem uma crise de grande relevo desde aquela

Arquivo.indb 23 25/07/2022 13:36:1

de 1929, porque, atualmente, o capitalismo tornou posse de toda a vida social. Não me agrada dizê-lo, mas é a verdade. *O consumo em massa dos trabalhadores se tornou muito importante como meio de eliminar as crises do capitalismo*. Do mercado estrutural, objetivo, dotado de uma função social importante, em muitos aspectos revolucionária, como Marx e Engels conheceram, em comparação à idiotia da vida rural e à tradição em geral, passamos ao mercado manipulado deste século. Nossa análise estancou, o capitalismo continuou a evoluir. *Nós paramos com Lênin. Depois dele não houve marxismo*." (Lukács, 2020: 191) [o grifo é nosso]

Lukács superestimou a capacidade do capitalismo tardio em driblar as crises por meio do consumo – pelo menos enquanto mecanismo da economia política. Apesar do desenvolvimento do capitalismo ter conhecido mudanças radicais, qualitativas, isso não fez com que se pudesse desprezar como determinação da crise capitalista, a lei do valor e o movimento de queda da taxa de lucro. A crise capitalista e a derrota do movimento sindical na década de 1970 "desmontaram" de vez, nos EUA e na Europa Ocidental, o aumento de salários reais indexada a taxa de produtividade (o consumo da classe trabalhadora). A idéia de capitalismo manipulatório como sociedade de consumo,

Arquivo.indb 24 25/07/2022 13:36:1

tornou-se um idéia fértil enquanto movimento de reprodução social por meio da *i*deologia do mercado manipulado. Entretanto, *o que explica a disseminação da manipulação como estratégia de reprodução social é a crise de produção de mais-valor*. A discussão da crise capitalista tornou-se a partir da década de 1970 bastante fértil, o que não ocorria desde os anos de 1920 com a tese do colapso capitalista (Henrik Grossmann). Como vimos, Lukács confrontou a "teoria do colapso", mas *não* ofereceu uma teoria da crise adequada à era de crise estrutural do capital (Ernest Mandel fez uma brilhante contribuição em 1972, com o livro "O capitalismo tardio"). Mas a ênfase de Lukács foi na crise da ideologia capitalista nas condições do capitalismo manipulatório. É disso que se trata: o poder da ideologia enquanto manipulação. Ele não fez uma discussão de crítica da economia política, mas sim, de crítica da reprodução capitalista por meio da manipulação que se tornou elemento crucial do sistema global do capital. Por exemplo, ao colocar o consumo e o tempo livre como elementos do capitalismo manipulatório ou da "sociedade industrial" mais desenvolvida (como diria Marcuse), Lukacs remeteu a *novas formas de alienação*. Foi isto que interessou ao filosofo húngaro, pois a manipulação enquanto ideologia tornou-se crucial

Arquivo.indb 25 25/07/2022 13:36:1

na luta de classes: "Por exemplo, no curso do século passado, a duração da jornada de trabalho foi uma questão importante: passou de quatorze horas para treze, doze, dez e assim por diante. Hoje, a própria questão se põe de maneira diferente. *Não é tanto a duração da semana de trabalho que é importante; o importante é saber e programa o que os trabalhadores farão durante seu famoso «tempo livre", o que eles consomem, aonde vão* ... No século passado, em seus projetos e especulações, o capitalista não levava nunca em consideração a capacidade de consumo dos trabalhadores, porque esta era com efeito tranquilamente negligenciável. O capitalismo estava interessado, sobretudo, nos investimentos de base, na grande indústria. Importantes setores da vida coletiva lhe eram indiferentes. Hoje, o capitalismo se interessa profundamente por toda a vida social, desde botas femininas até automóveis, de utensílios de cozinha aos meios de entretenimento... É uma mudança qualitativa sobre a qual sabemos pouco [o grifo é nosso]. (Lukács, 2020:215/216)

Mais adiante, iremos tratar da nova dinâmica sociometabólica do capitalismo manipulatório a partir de mudanças estruturais do modo de produção capitalista. Nossa hipótese é que o filósofo húngaro conseguiu apreender a centralidade da ideologia enquanto maipulação do capital em sua

Arquivo.indb 26 25/07/2022 13:36:1

etapa de ascensão histórica. Hoje, o capitalismo vive a sua etapa de decadência histórica e a problemática da manipulação se torna ainda mais candente. A idéia lukácsiana de capitalismo manipulatório, embora pouco desenvolvida, é muito mais fértil que a de sociedade industrial ou de "homem unidimensional" (Marcuse). Ela tornou-se eixo central da percepção filosófica da necessidade de elaboração de uma nova ética marxista a partir da oologado ser social. Apesar da importância da economia na perspectiva ontológica, a dimensão fundamental hoje, mais do que nunca, é a dimensão cultural entendida como sendo o campo material a partir do qual os indivíduos fazem suas escolhas ético-moral face às alternativas colocadas numa situação de crise. Por isso, a temática do estranhamento foi tão crucial para Lukács na medida em que ela perpassa a luta política nas condições da crise estrutural do capital. Não apenas o consumo e a produção, mas também a política, tornaram-se efetivamente esferas manipuladas pelo capital.

É claro que Lukács não utilizou o termo "crise estrutural", mas sim, "crise geral do capitalismo". Mas o filósofo húngaro sabia que a crise mundial que se manifestava em meados da década de 1960, não seria apenas uma *crise cíclica* qualquer, mas,

Arquivo.indb 27 25/07/2022 13:36:1

sim uma grande crise que poderia durar décadas (Lukács, 2020:137). Com a crise estrutural do capital, a dinâmica do sistema capitalista seria caceizadapela "produção destrutiva" (Mészáros,2002:605). A ênfase na "democratização da vida cotidiana" como parte intrínseca da crítica do stalinismo, não foi mera "redução teoricista" de Lukács, como supõe José Paulo Netto na "Introdução" ao livro "Socialismo e democratização: Escritos políticos (1956-1971)", de György Lukács (p.21/22), mas sm, *elemento necessário posto pela emergência da luta contra a voraz manipulação que tem, como raiz, a vida cotidiana*. O velho Lukács foi, até certo ponto, otimista com a possibilidade de reestruturar o "socialismo burocrático" por meio das reformas econômicas. Mas não deixou de enfatizar a importância da democratização da vida cotidiana, pois, sem ela, a reestruturação da economia era impossível (foi o que, de fato, aconteceu). Por isso, depois da invasão da Tchecoslováquia em 1968, Lukács tornou-se mais pessimista sobre a possibilidade de autoreforma do "socialismo burocrático".

Após a morte do filosofo húngaro em 1971, o triunfo da ideologia enquanto manipulação, ocorreu, não só com a persistência do stalinismo nos países de "socialismo burocrático" (até

o fim da URSS em 1991), mas com o aprofundamento da manipulação capitalista no consumo (o consumismo disseminado pelo globo com a ofensiva do capital a partir da globalização liberal); na produção (as novas formas de gestão toyotista com a "captura" da subjetividade); e na política (com o apodrecimento da democracia liberal). A vigência do neoliberalismo e a ascensão (e crise) do capitalismo global, com o aprofundamento do sociometabolismo da barbárie, caracterizam a *era de triunfo da manipulação* (1980-2020). Na verdade, o triunfo da manipulação adquiriu substancia com a barbárie social alterando *os termos do estranhamento*, não apenas no reino do consumismo e da manipulação do tempo livre, mas no reino das novas formas de precarização da vida e do trabalho, com a redução do tempo de vida (*otium*) a tempo de trabalho. Vemos hoje que a luta pela redução da jornada de trabalho e por um tempo livre da manipulação do capital, desapareceu da cena social. Não se discute mais qualidade de vida dentro ou fora do trabalho. O que vigora é a lógica da flexibilização do trabalho e da precarização salarial. Ao mesmo tempo, cresce o "precariado" e a nova pobreza urbana. No plano do metabolismo social, a crise da cons-

Arquivo.indb 29 25/07/2022 13:36:1

ciencia de classe se manifesta pela disseminação de formas extremas de particularismo identitários (ou estranhamento). Mais do que nunca, coloca-se hoje, a necessidade do marxismo dar respostas teóricas para o novo tempo histórico de barbárie social.

Arquivo.indb 30 25/07/2022 13:36:1

3

O triunfo da manipulação e o sociometabolismo da barbárie

Vimos que em suas últimas entrevistas (1966-1971), as reflexões de Lukács estava incisivamente voltada para a crítica da manipulação nos vários âmbitos do pensamento e da atividade do homem. Iremos nos deter na entrevista de 1965, concedida por Lukács para os intelectuais alemães Hans Heinz Holz, Leo Kofler e Wolfgang Abendroth, publicada originalmente no Brasil no livro "Conversando com Lukács" (Ed. Paz e Terra, 1965). Gyorgy Lukács denominou o capitalismo do pós-II

Arquivo.indb 31 25/07/2022 13:36:1

guerra mundial de "capitalismo manipulatório" (o que Ernest Mandel denominou de "capitalismo tardio"). É sob o capitalismo tardio que a ideologia como manipulação tornou-se nexo essencial do metabolismo social, penetrando os vários poros da vida cotidiana. Ela tornou-se a matriz estruturante e estruturadora da alienação em sua forma intensa e ampliada, contribuindo, deste modo, para a desefetivação do ser genérico do homem. Lukács observou que com a nova realidade sócio-histórica do capitalismo manipulatório, tornam-se necessárias investigações ontológicas sobre a natureza da alienação/estranhamento que não se reduz àquela constatada por Karl Marx e Friedrich Engels na segunda metade do século XIX. Naquela época, o capitalismo industrial não tinha exposto ainda a ideologia como manipulação, traço da conformação sociometabólica do capital que adquiriu densidade social no decorrer do século XX, o século da modernização capitalista em escala planetária.

Em sua entrevista de 1965, o velho Lukács observou que o capitalismo manipulatório é a forma específica de capitalismo industrial. A partir de crise de 1929, o capitalismo mundial sofreu transformações estruturais que alteraram o metabolismo social do capital. Por exem-

Arquivo.indb 32 25/07/2022 13:36:1

plo, o comunista Antonio Gramsci, no texto "Americanismo e Fordismo" (de 1934), conseguiu apreender os traços do novo capitalismo por meio dos conceitos de "americanismo" e "fordismo", que expressam a nova realidade cultural hegemônica do capitalismo da produção em massa, caracterizada não apenas pelo novo modelo de produção de mercadorias, mas pela nova organização da cultura e dos intelectuais.

Para Lukács, o problema da ideologia enquanto manipulação vinculava-se à ampliação do mundo das mercadorias, e por conseguinte, da presença da industrialização capitalista em nossas vidas: "Se recuarmos 80 ou 100 anos, ao tempo em que Marx trabalhava, vemos que a indústria dos meios de produção estava, em sua essência, largamente organizada em uma escala capitalista; podemos observá-lo na indústria têxtil, na indústria de moagem, na indústria do açúcar, que formavam quase todos os setores económicos da grande indústria capitalista. Ora, nos oitenta anos seguintes, o consumo inteiro foi absorvido pelo processo capitalista. Não falo somente da indústria de sapatos, confecções, etc; é muito interessante o fato de que com todas essas geladeiras, máquinas de lavar, etc, até mesmo o âmbito doméstico começa a ser dominado pela indús-

Arquivo.indb 33 25/07/2022 13:36:1

tria. Mesmo o setor dos assim chamados serviços torna-se parte da grande indústria capitalista. A figura semifeudal do empregado doméstico dos tempos de Marx torna-se cada vez mais anacrónica e surge um sistema de serviços capitalistas" (Holz, Kofler e Abendroth, 1966: p.150).

O capitalismo da produção em massa denominado "capitalismo fordista-keynesiano", é o capitalismo da grande indústria, cujos produtos-mercadorias devassam os mais diversos aspectos da vida social. O processo capitalista ocupou e preencheu os mais diversos espaços do consumo humano. O mundo social tornou-se uma imensa coleção de mercadorias. Foi salientando tal traço do mundo burguês que Karl Marx abriu o capítulo 1 do Livro I de "O Capital". Diz ele: "A riqueza das sociedades em que domina o modo de produção capitalista aparece como uma 'imensa coleção de mercadorias' [...]" (Marx, 1996). Nesta singela constatação marxiana estava contida o problema da ideologia como manipulação irremediavelmente vinculada à expansividade da forma-mercadoria que impregnaria os produtos do trabalho humano. Na medida em que a mercadoria é valor de uso e valor de troca, a relação de compra-e-venda implica homens e mulheres com as imposições naturalizadas

Arquivo.indb 34 25/07/2022 13:36:1

e, portanto, fetichizadas, do mercado e da lei do valor. Foi a seção 4 do capítulo 1 do livro I de "O Capital", intitulada "O fetiche da mercadoria e seu segredo" que inspirou Lukács a tratar da *reificação capitalista* no seu livro clássico "História e Consciência de Classe" (de 1923).Pela primeira vez um autor marxista tratou das implicações do fetichismo da mercadoria no pensamento e na atividade do homem. A produção em massa de mercadorias colocou a necessidade de grandes aparatos de distribuição e circulação de mercadorias que abarcam a totalidade da vida social. Sob o capitalismo monopolista tornou-se uma verdadeira *obsessão do capital* vender produtos-mercadorias produzidos em larga escala. A grande indústria transformou em produto-mercadoria, os mais diversos aspectos da vida social, como, por exemplo, a política e o lazer, que são impregnados pela forma-mercadoria. Diz Lukács: "Tomemos um grande fabricante de máquinas ou qualquer outro industrial da época de Marx. É claro que sua clientela era extremamente limitada, de modo que podia distribuir seus produtos sem pôr em funcionamento um aparato de maior envergadura. Mas, com os meios da grande indústria, surge um produto destinado ao consumo de massa (basta pensar em produtos tais como lâminas de barbear) que torna necessário

Arquivo.indb 35 25/07/2022 13:36:1

um aparato especial para levar milhões de lâminas de barba aos consumidores particulares. *Estou convencido de que todo o sistema de manipulação, do qual estamos falando, surgiu desta necessidade e depois estendeu-se também à sociedade e à politica*. Agora este mecanismo domina todas as expressões da vida social, desde as eleições do presidente até o consumo de gravatas e cigarros" ((Holz, Kofler e Abendroth, 1966: p.150) [o grifo é nosso].

Deste modo, Lukács vinculou o surgimento da ideologia como manipulação com a emergência da *sociedade do consumo de massa de mercadorias*. Eis o traço candente da nova sociabilidade fetichizada do capital: o capital foi obrigado a manipular para poder vender os produtos-mercadorias e realizar a mais-valia contida neles. A perspectiva lukácsiana é uma perspectiva histórico-materialista que leva em consideração a totalidade concreta da produção do capital (produção, distribuição, circulação e consumo). A manipulação originou-se do movimento ampliado e voraz do mecanismo da produção do capital. Diz ele: "Agora este mecanismo domina todas as expressões da vida social, desde as eleições do presidente até o consumo de gravatas e cigarros." ((Holz, Kofler e Abendroth, 1966:150) O que propiciou a expansividade espetacular da forma-mercadoria no século XX foi a nova base

Arquivo.indb 36 25/07/2022 13:36:1

técnica da produção de mercadorias baseada na linha de montagem atrelada à esteira mecânica (o fordismo). O sistema de máquinas da grande indústria permitiu no plano da produção, a posição da "subsunção real" do trabalho ao capital, cuja contrapartida, no plano da reprodução social, é a ideologia como manipulação. A riqueza capitalista aparece como uma imensa coleção de mercadorias cuja forma de ser, impregna vorazmente a vida social. Na verdade, a impregnação da vida social pela forma-mercadoria está contida na idéia da *aderência/disseminação* do fetiche da mercadoria, tratada por Marx na seção IV do Capítulo 1 do Livro I de "O Capital") quando buscou desvelar o segredo do "fetichismo que *adere* aos produtos de trabalho, tão logo são produzidos como mercadorias, e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias" (Marx, 1996:199).

Mais-valia relativa e manipulação

Em "História e Consciência de Classe" (1923), Lukács tratou de forma pioneira, das implicações sociais da reificação capitalista na atividade e no pensamento do homem. Ao tratar da reificação capitalista, Lukács explicitou a natureza do metabolismo social do novo capitalismo que emergiu com a expansão da forma-mercadoria sob a

Arquivo.indb 37 25/07/2022 13:36:1

produção em massa de mercadorias (o fordismo-taylorismo). Ele vinculou o problema da manipulação à predominancia da mais-valia relativa na dinâmica de exploração capitalista. Na medida em que se alterou a forma da exploração capitalista, alteraram-se as condições de vida da força de trabalho no tocante não apenas a sua relação com o processo de trabalho com as novas máquinas no processo de produção, mas também, com *a vigência do novo metabolismo social baseado na forma-mercadoria.* Surgiu assim, um novo modo de organização do tempo livre e consumo com implicações decisivas no plano da subjetividade da pessoa-que-trabalha. *Foi a exploração baseada na mais-valia relativa que permitiu que o capitalismo pudesse elevar o nivel de vida do trabalhador, com profundas implicações no plano da consciência contingente da classe trabalhadora*: "A exploração da classe operária passa cada vez mais da exploração através da mais-valia absoluta para a que se opera através da mais-valia relativa. *I*sto significa que é possível um aumento da exploração ao lado de um aumento do nível de vida do trabalhador. No tempo de Marx havia algo semelhante, mas apenas em forma embrionária; não digo que não existisse absolutamente. Marx reconhe-

Arquivo.indb 38 25/07/2022 13:36:1

ceu, no terreno da economia, e creio que foi ele quem o fêz em primeiro lugar, a mais-valia relativa; mas êle mesmo fêz certa vez, numa parte de '*O Capital*' não publicada, uma observação muito interessante; isto é: que através da mais-valia absoluta a produção é apenas formalmente subsumida ao capital, de modo que a subsunção da produção sob as categorias do capitalismo só surge com a mais-valia relativa, coisa que constitui uma características específica da nossa época" (Holz, Kofler e Abendroth, 1966:152) [o grifo é nosso]. Assim, a posição da *mais-valia relativa* significou a instauração do modo de produção capitalista propriamente dito, tendo em vista que a produção se subsumiu realmente ao capital. Antes, sob a predominancia da mais-valia absoluta, a produção capitalismo estava subsumida apenas *formalmente* ao capital.

Mas o ponto decisivo é que o velho Lukács derivou da passagem histórica da *subsunção formal* à *subsunção real* do trabalho ao capital no plano da produção capitalista, *implicações sociometabólicas;* ou seja, a ideologia como manipulação capitalista foi posta de modo incisivo na medida em que a maior exploração correspondeu, ao mesmo tempo, ao aumento do nivel de vida do trabalhador assalariado, com implicações

Arquivo.indb 39 25/07/2022 13:36:1

significativas no plano da consciência contingente do homem que trabalha. Esta é a problemática do *aburguesamento* da classe operária. Assim, nas condições históricas do capitalismo tardio, o fetichismo da mercadoria, que oculta, no plano da consciencia contingente, o trabalho social contido nos produtos-mercadorias, foi elevado à enésima potência. *A exacerbação do fetiche da mercadoria sob o capitalismo tardio constituiu um metabolismo social baseado incisivamente na manipulação social, isto é, na ocultação - não apenas da exploração capitalista - mas da centralidade do trabalho social*. Não é apenas o fato da exploração capitalista que é ocultado na forma-mercadoria, mas o próprio fato dela ser produto do trabalho social. A consciência da alienação e a natureza da alienação se alteram de forma significativa com a presença intensa (e extensa) da mais-valia relativa e a constituição do mundo social burguês como uma "imensa coleção de mercadorias".

A NOVA ALIENAÇÃO/ESTRANHAMENTO

Lukács faz uma importante observação sobre a mutação concreta do problema da alienação/estranhamento [*Entfremdung*]: na medida em que se altera o modo de produção capitalista com a vigência plena da mais-valia relativa, "o

Arquivo.indb 40 25/07/2022 13:36:1

inteiro problema da alienação adquire uma fisionomia inteiramente nova. No tempo em que Marx escrevia os '*Manuscritos Económicos e Filosóficos*', a alienação da classe operária significava, imediatamente, um trabalho opressivo em um nível quase animal. Com efeito, a alienação era, em certo sentido, sinónimo de desumanidade. Exatamente por este motivo, a luta de classes teve por objetivo, por décadas, garantir, com reivindicações adequadas sobre salário e sobre o tempo de trabalho, o mínimo de vida humana para o trabalhador. A famosa reinvindicação de oito horas de trabalho colocada pela Segunda Internacional é um sintoma desta luta de classe." (Holz, Kofler e Abendroth, 1966:165)

No plano da consciência contingente da pessoa-que-trabalha, a alienação na época de Marx, aparecia como desumanidade tendo em vista que a classe operária estava submetida a um trabalho opressivo em um nivel quase animal. Naquela época, a exploração capitalista aparecia, quase de modo imediato, à consciência contingente dos trabalhadores assalariados. Além disso, o proletariado industrial não tinha acesso, no plano do consumo, aos produtos-mercadorias da grande indústria capitalista. No começo do capitalismo industrial no inicio do século XIX, não tinha ainda se constituido a "sociedade de consumo de

Arquivo.indb 41 25/07/2022 13:36:1

massa", isto é, o modo de organização social que oculta hoje, no plano do fetichismo da mercadoria, a dimensão incisiva da exploração capitalista. Na medida em que se tornou vigente a mais-valia relativa, tivemos o aumento do padrão de vida de uma parcela ampliada da classe dos trabalhadores assalariados, com o acesso do proletariado organizado a uma "imensa coleção de mercadorias" visando satisfazer as novas necessidades criadas peloa sociedade burguesa. Alterou-se, de modo significativo, segundo Lukács, o problema da alienação/estranhamento. Diz ele: "A mais-valia absoluta não morreu, mas simplesmente não desempenha mais o papel dominante; aquele papel que desempenhava quando Marx escrevia os '*Manuscritos Económicos e Filosóficos*'. Ora, o que daí decorre? *Que um novo problema surge no horizonte dos trabalhadores, isto é, o problema de uma vida plena de sentido.*" (Holz, Kofler e Abendroth, 1966:162) [o grifo é nosso]

O que Lukács sugere é o vinculo orgânico entre o *problema da ideologia como manipulação* por conta da produção em massa da indústria capitalista e da obsessão candente em vender produtos-mercadorias para a classe trabalhadora com melhor capacidade aquisitiva, mobilizando assim, aparatos de marketing e da propaganda. Ao mesmo tempo, o problema do estranhamento se explici-

Arquivo.indb 42 25/07/2022 13:36:1

ta, manifestando-secomo sendo o *problema da vida plena de sentido* - isto é, uma vida que *não* se reduzisse ao consumismo.

Manipulação, estranhamento e a falta de uma vida plena de sentido

A nova posição da mais-valia relativa operou dois momentos perversos no campo da subjetividade da classe do proletariado:

Por um lado, aumentou a taxa de exploração ou extração de mais-valia relativa, com a redução do salário relativo. A redução do salário relativo no século XX é resultado dos limites do sindicalismo, como denunciado, por exemplo, por Rosa Luxemburg que acreditava que "a produção capitalista não pode avançar um só passo adiante sem reduzir a participação dos operários no produto social". A redução da participação dos operários no produto social e o aumento da participação dos capitalistas ocorriam por meio das inovações técnicas na produção, pelo aumento da produtividade do trabalho. Diante da *lei da queda tendencial do salário relativo*, considerado por ela um "poder completamente invisível, uma ação simplesmente mecânica da concorrência e da produção de mercadorias", que deixa aos operários uma porção cada vez menor da riqueza social produzida, os sindica-

Arquivo.indb 43 25/07/2022 13:36:1

tos nada poderiam fazer. Os sindicatos só poderiam cuidar do "atentado visível dos capitalistas contra os operários", ou seja, as reduções de salários reais, que diminui o padrão de vida da classe operária. Diante da queda invisível do salário relativo, eles se sentiriam impotentes: "A luta contra a queda do salário relativo não é já uma luta que se desenvolve no terreno da economia mercantil, mas sim um assalto revolucionário, subversivo, contra a existência desta economia, é o movimento socialista do proletariado". (Rosdolsky, 2001) Na última metade do século XX, o capitalismo tardio levou à exacerbação da extração de mais-valia relativa por conta das admiráveis inovações tecnológicas que incrementaram, de forma inédita, a produtividade do trabalho social e o poder do capital.

Por outro lado, o aumento de extração de mais-valia permitiu o aumento relativo do padrão de vida de contingentes expressivos do proletariado, que passou a ter acesso a imensa coleção de produtos-mercadorias visando satisfazer novas necessidades necessárias da vida metropolitana. A disseminação da forma-mercadoria numa dimensão inaudita, com o fetiche da mercadoria impregnando a vida social, obnubilou com maior candência, a consciência necessária de classe. Deste modo, segundo Lukács, sob o capitalismo

Arquivo.indb 44 25/07/2022 13:36:1

manipulatório (ou capitalismo tardio), o problema da alienação/estranhamento foi reposto, de forma ampla e candente, noutro patamar existencial - isto é, no problema da falta de uma vida plena sentido. O mundo pleno de mercadorias é o mundo pleno de manipulações que penetra não apenas os poros da produção, mas também do consumo e da reprodução social.

Assim, se, por um lado, a percepção da exploração capitalista e o problema da alienação no sentido originário exposto por Marx nos *Manuscritos* de 1844, foi esmaecida; por outro lado, põem-se de modo incisivo *o problema do estranhamento como o problema da vida plena de sentido*. Uma vida reduzida ao consumismo - e um tempo de vida reduzida a tempo de trabalho - expõe objetivamente o problema de uma vida plena de sentido - que o capitalismo desenvolvido é incapaz de propiciar. Por exemplo, o psicanalista austriaco Viktor Frankl salientou que o problema crucial do nosso tempo é *o problema da busca de sentido da vida* (Frankl, 2005). A mudança estrutural no caráter da alienação colocou, de forma candente, no auge do capitalismo afluente (em 1968), novas exigências no plano da luta de classes . Diz Lukács: "A luta de classes no tempo da mais-valia absolu-

Arquivo.indb 45 25/07/2022 13:36:1

ta estava voltada para a criação das condições objetivas indispensáveis a uma vida deste género. Hoje, com uma semana de cinco dias e um salário adequado, podem já existir as condições indispensáveis para uma vida cheia de sentido. Mas surge um novo problema: *aquela manipulação que vai da compra do cigarro às eleições presidenciais ergue uma barreira no interior dos indivíduos entre a sua existência e uma vida rica de sentido.* Com efeito, a manipulação do consumo não consiste, como se pretende oficialmente, no fato de querer informar exaustivamente os consumidores sobre qual é o melhor frigorífico ou a melhor lâmina de barbear; o que está em jogo é *a questão do controle da consciência*. Dou apenas um exemplo, o 'tipo' *Gauloises:* apresenta-se um homem de aspecto ativo e másculo, que se distingue porque fuma os cigarros *Gauloises.* Ou ainda, vejo numa foto de publicidade, não sei se de um sabonete ou de um creme de barbear, um jovem assediado por, duas belas garotas por causa da atração erótica que determinado perfume exerce sobre elas" (Holz, Kofler e Abendroth, 1966: p.167) [o grifo é nosso].Adotando a perspectiva histórico-ontológica, Lukács fez a conexão íntima entre *mais-valia relativa* e *manipulação* no sentido de

Arquivo.indb 46 25/07/2022 13:36:1

que a exploração pela mais-valia relativa propiciou, a um contingente organizado da classe trabalhadora, semana de cinco dias e salário adequado, isto é, *condições objetivas* indispensáveis para uma vida cheia de sentido. Objetivamente o proletariado possui hoje condições materiais para uma vida plena de sentido que, entretanto, não se realiza, por conta da *manipulação social* que impregna a vida burguesa. O capitalismo da grande indústria de produção em massa tende, - - nas palavras do filosofo húngaro - a erguer, no interior dos individuos, "uma barreira entre a sua existência e uma vida rica de sentido". A fruição da vida é reduzida ao gozo do consumo alienado (o consumismo). A ânsia fugaz pelo consumo de mercadoria é incapaz de dar um sentido à vida. Eis o sentido do estranhamento na ótica lukacsiana: o descompasso entre a *existência* dos individuos e uma *vida plena de sentido*. No século XXI, com o capitalismo global, a problemática do estranhamwento enquanto problema de uma vida plena de sentido, não se *reduz* à ansia fugaz pelo consumo, mas - com a precarização estrutural do trabalho - à *redução* do tempo de vida à tempo de trabalho (vida reduzida) (Alves, 2018). De certo modo, para Lukács, o problema do estranhamento diz respeito, por um lado, à questão do *controle da consciência*,

Arquivo.indb 47 25/07/2022 13:36:1

alvo-chave da ideologia enquanto manipulação do consumo visando a venda das mercadorias e a realização da mais-valia. Por outro lado, à questão do *controle do tempo de vida*, absorvido vorazmente pelos valores-fetiches do capital e a necessidade de *sobrevivência* da força de trabalho. No caso do consumismo, a manipulação se ergue no interior dos indivíduos cuja ânsia pelo consumo é instilada pelos aparatos de marketing e propaganda, como uma finalidade em si mesma. Diz Lukács: "Por causa desta manipulação, o operário, o homem que trabalha, é afastado do problema de como poderia transformar seu tempo livre em *otium,* porque o consumo lhe é instilado sob a forma de uma *superabundância de vida* com *finalidade em si mesma*, assim como na jornada de trabalho de doze horas a vida era ditatorialmente dominada pelo trabalho" (Holz, Kofler e Abendroth, 1966:170).Em várias passagens da sua entrevista, Lukács denominou o operário ou trabalhador assalariado de "homem que trabalha", expressão que explicita o que está, de fato, hoje, sob fogo cruzado do capitalismo manipulatório: o *homem* ou o núcleo humano-genérico dos trabalhadores assalariados. Antes de sermos trabalhadores assalariados, somos efetivamente, homens - *enquanto seres humanos* - que trabalham. Salienta-se assim, a palavra "homem" no sentido

Arquivo.indb 48 25/07/2022 13:36:19

do *ser humano-genérico* e não de gênero (homem e mulher).Eis o sentido radical do *marxismo humanista* de Lukács (radical no sentido de ir até as raízes, e a raiz é o próprio ser humano).

Tempo livre e *otium*

Nos países capitalistas desenvolvidos, em 1965, o auge do capitalismo afluente, uma parcela significativa da classe do proletariado usufruia de uma semana de cinco dias e um salário adequado, que lhe garantia um melhor padrão de vida em comparação com os proletários industriais do século XIX. Para o velho Lukács, o que se coloca, nas condições do *Welfare State*, é o problema de como transformar *tempo livre* em *otium* (ócio) ou tempo liberado da manipulação do capital; enfim, tempo de vida como campo de desenvolvimento humano, o que não ocorre, de imediato, com a redução da jornada de trabalho. A produção da mais-valia relativa criou as bases objetivas para a liberação humana do trabalho como atividade exclusiva. Embora as pessoas que trabalham tenha hoje - na éoca de Lukács - mais *tempo liberado* do trabalho estranhado, não significa que o tempo disponível seja *tempo livre* no sentido de ócio criativo. Na verdade, para Lukács, o problema é como transformar tempo liberado em tempo livre; ou tempo livre

Arquivo.indb 49 25/07/2022 13:36:19

em *otium*. No século XXI, o problema do tempo liberado adquire outros significados, pois o que se coloca é o movimento de redução do tempo de vida a tempo de trabalho tendo em vista as novas formas de organização do trabalho (o toyotismo sistemico) e a precarização do mercado de trabalho (a "nova informalidade" e o espectro do sobrevivencialismo).

Em sua época, Lukács observou que sob o capitalismo manipulatório, o tempo livre de trabalho estranhado tornou-se mero *tempo de consumo manipulado*. Assim, o problema da manipulação que Lukács colocou como intrinseca ao capitalismo da grande indústria, deslocou a questão da luta pela redução da jornada de trabalho para a questão da transformação do tempo livre em *otium.* Mas como vimos, no século XXI, sob o capitalismo global e o sociometabolismo da barbarie, alterou tal *equação da manipulação*: a precarização do trabalho significa efetivamente a transformação do tempo livre ou mesmo o espaço do *otium* em tempo de trabalho estranhado). Na medida em que a sociedade burguesa tornou-se uma imensa coleção de mercadorias, a liberação relativa das pessoas que trabalham da alienação do trabalho estranhado, apenas o coloca à mercê de outro senhor: a Mercadoria. No século XXI, sob

Arquivo.indb 50 25/07/2022 13:36:19

o capitalismo global enquanro f*orma reacionária do capital diante de sua crise estrutural*, as pessoas erstão diante de uma total dominação: a Mercadoria e o Trabalho estranhado.

Para Lukács, em sua época, embora seja necessária, a luta pela redução da jornada de trabalho *não* é suficiente para criar as bases materiais da emancipação social do proletariado. Enfim, na ótica lukacsiana, colocou-se no auge do capitalismo tardio (década de 1960), mais do que nunca, *a necessidade de formar sujeitos humanos capazes de transformar o tempo livre em* otium*,* rompendo com a ânsia instilada pela lógica da mercadoria de transformar o tempo livre em tempo de consumo como finalidade em si mesma. No século XXI, como temos salientado, com a precarização do trabalho que caracteriza o capitalismo global, as pessoas que trabalham estão à mercê de si próprios como Mercadoria e subsumidas ao Trabalho estranhado, com o espaço do *otium* e do tempo liberado pela produtividade do trabalho, intervertido em tempo de trabalho estranhado, trabalho por conta própria ou mesmo, o *sobrevivencialismo* (Han, 2020:33). Isto é o sociometabolismo da barbárie. Mas voltemos à reflexão de Lukács no auge do capitalismo tardio (1965). Se a redução da jornada de trabalho e a ampliação do tempo liberado do trabalho

Arquivo.indb 51 25/07/2022 13:36:1

estranhado devia ocorrer por meio de um ato politico, a transformação do tempo livre em *otium*, ou melhor, do tempo disponivel em tempo livre no sentido pleno da palavra, implicava um ato extraparlamentar, isto é, *a formação de sujeitos humanos capazes de fruirem de ócio criativo, rompendo com o sociometabolismo do capital*. Enfim, os individuos podem simplesmente não saber o que fazer com o tempo livre. Foi nesse sentido que Lukács fez em "História e Consciência de Classe" (de 1923), a critica dos *homens contemplativos,* individuos criados pela sociedade da indústria cultural e do entretenimento, homens e mulheres (de)formados para contemplarem meramente o mundo espetacular das mercadorias.

Consumo estranhado e dessubjetivação humano-genérica

Lukács identificou a manipulação como ocorrendo intensivamente na esfera do consumo que transformou a superabundancia de vida no sentido de imensa coleção de mercadorias a serem consumidas, como finalidade em si mesma. Deste modo, de meio de vida, o consumo torna-se fim em si mesmo (consumismo), o que é o sentido próprio – de acordo de Lukács - da *alienação.* Antes, a alienação manifestava-se apenas no *trabalho estra-*

Arquivo.indb 52 25/07/2022 13:36:19

nhado, e hoje, diz ele, ela se manifesta também no *consumo estranhado*. Ampliou-se assim, a esfera da alienação social. Ao tornar-se um fim em si mesmo, o consumo interverte-se em consumismo.

A rigor, a sociedade burguesa não é a "sociedade do consumo", mas sim, "sociedade do consumismo". A ideologia quer nos fazer crer que consumimos coisas que, de fato, compramos. Mas comprar não é uma ação regida por necessidades necessárias, mas sim, um ato econômico com implicações sociais. Diz Jurandir Freire Costa: "Comprar se tornou equivalente a consumir porque o ritmo de produção das mercadorias nos obriga a descartá-las depois de um breve uso. Consumo é uma metáfora que alude à rapidez com que adquirimos novos objetos e inutilizamos os velhos [...] Depois das grandes revoluções tecnológicas e econômicas, a produção capitalista, para ser escoada, teve e tem de ser vendida em um fluxo contínuo. Os individuos, portanto, têm de comprar as mercadorias para que a máquina do lucro não pare". Entretanto ele se interroga: por que os individuos se deixam seduzir pela propaganda de mercadorias? Ele sugere que o hábito do consumismo atende às reais necessidades psicossociais, ou seja, os individuos se deixam persuadir pela propaganda porque, em certa medida, encontra na posse dos objetos

Arquivo.indb 53 25/07/2022 13:36:19

industriais um meio de realização pessoal. Essa *aspiração à realização pessoal* – ou o que Lukács sugere como sendo ter uma *vida plena de sentido* – é o motivo do anseio pelos "objetos ditos de consumo". Costa observou que a *nova moral do trabalho* e a *nova moral do prazer* contribuem para a produção do desejo de consumir (Costa, 2004). Juliet B. Schor utilizou corretamente no título de seu instigante livro ("Nascidos para comprar" [*Born to buy*]), a palavra adequada: não se trata de "Nascidos para consumir", mas sim, "Nascidos para comprar".

Na sociedade burguesa tardia, a esfera de consumo se ampliou, incorporando não apenas produtos-mercadorias que satisfazem as necessidades do estômago, mas, como observou Marx, as necessidades da fantasia. O melhor exemplo é a indústria cultural que envolve homens e mulheres na sociedade do capital; e diga-se de passagem, não apenas operários e empregados, mas todos as individualidades humanas, inclusive (e principalmente) jovens e crianças que ainda não trabalham. Devido o fetichismo da mercadoria, a condição de consumidores oculta a condição de produtores (ou de trabalhadores assalariados) das pessoas,. Por isso, o problema da manipulação, ou o problema de uma vida plena de sentido, apare-

ce como sendo o problema universal que envolve não apenas operários e empregados, mas todos os indivíduos à mercê das implicações fetichizadas da estética da mercadoria. Podemos tirar algumas conclusão desta colocação do velho Lukács:

Em PRIMEIRO LUGAR, a manipulação aparece como instilação redutiva que apresenta a imagem do espetacular mundo das mercadorias, com sua "superabundância de vida", como finalidade em si mesma. O melhor exemplo é o caso do admirável mundo dos *shopping centers*, cuja arquitetura espetacular visa expor o mundo das mercadorias como sendo o único mundo possivel.

Em SEGUNDO LUGAR, a manipulação aparece como um *processo (de)formativo ou processo de subjetivação estranhada*, que (de)constitui personalidades humanas, ou melhor, *subjetividades humanas reduzidas à sua própria abstração* no sentido mesmo da redução levada a cabo pela vigencia do trabalho abstrato. É o que podemos chamar de "individualidades abstratas". Portanto, os espaços de consumo sob o capitalismo manipulatório aparecem como *espaços da pedagogia da mercadoria*, onde homens e mulheres, crianças, jovens, adultos e idosos, são educados, subrepticiamente a *reduzirem* a fruição da vida ao deleite do consumismo. O ato de viver torna-se mero ato de consumir. Deste

modo, podemos dizer, a partir de Lukács, que o metabolismo social do capital. sob o capitalismo manipulatório, implica um duplo processo:

Por um lado, (1) o metabolismo social do capital é *processo de dessubjetivação humano-genérico* e, por conseguinte, processo de *dessubjetivação de classe* no sentido de corrosão do sujeito histórico capaz de fazer a história; por outro lado, (2) o metabolismo social do capital é processo de subjetivação fetichizado no sentido de formação de "individualidades humanas abstratas" "afetados de negação". Isto é, *na medida em que a vida é reduzida ao consumismo, abriu-se no interior das individualidades pessoais de classe, uma aguda frustração humana, não apenas no tocante ao "desejo de sentido"* (utilizando a expressão de Viktor Frankl), mas no que diz respeito à *satisfação de "carecimentos radicais"* postos, objetivamente, pelo processo civilizatório humano-genérico.

O poder da ideologia como manipulação é o fenômeno social que surge no plano da produção e reprodução social, com a incapacidade do capital em tratar do *dilaceramento da personalidade humana* em virtude das candentes contradições sociometabólicas do sistema produtor de mercadorias. Ao ser incapaz de propiciar uma vida plena de sentido, o capital em sua forma

histórica mais desenvolvida (o capitalismo global), se encontra diante de irremediáveis limites estruturais - e por isso, *em sua expressão histórica mais reacionária*.

Certa vez, Albert Camus observou: "Há um só problema verdadeiramente sério e é... estabelecer se vale ou não a pena viver." (Camus,1955). O psiquiatra Viktor Frankl, em 1949, introduziu o conceito de "desejo de sentido" para tratar de um problema do nosso tempo histórico - a falta de uma vida plena de sentido - que conduz os indivíduos humanos à deriva pessoal. Diz ele: "Em alguns casos, a frustração do desejo de sentido teve um papel relevante como fator etiológico no dar origem à neurose ou a tentativa de suicídio.". E mais adiante salienta: "A busca pelo homem de um sentido para a vida é, obviamente, um fenômeno de extensão mundial." (Frankl, 2006). Entretanto, o diagnostico de Frankl não é completo: a *sede de sentido* (que é outro título de livro de Frank, 2003) que ele constatou como sendo um fenômeno de extensão mundial e a patologia do nosso tempo, é produto do capitalismo manipulatório (Lukács) e do controle estranhado do metabolismo social (Mészáros), isto é, do capital que, nesta etapa de desenvolvimento civilizatório, explicita à exaustão, suas contradições objetivas e seus limites

Arquivo.indb 57 25/07/2022 13:36:19

absolutos. Deste modo, pode-se dizer que o cerne da manipulação como instilação da cultura *redutivista* do consumo como finalidade em si mesma - e podemos dizer hoje, a cultura redutivista do trabalho (precário) como *sobrevivencialismo*, ocultam - em si e para si - a sinistra operação de *desefetivação do ser genérico do homem*, na medida em que o homem assume a posição de mera *adaptação passiva* ao meio-ambiente espetacular das mercadorias.

Não se trata da morte do sujeito humano, como supõe a metafisica pós-moderna, mas sim a abertura da "fenda" de contradições íntimas no seio das individualidades pessoais de classe. Na mesma medida em que são intensamente manipuladas, homens e mulheres são instigados, em si e para si, a darem respostas às suas frustrações humanas, seja no tocante ao "desejo de sentido" (Viktor Frankl), seja no tocante aos "carecimentos radicais" (Agnes Heller). A *incapacidade de dar respostas satisfatórias* é que leva homens e mulheres ao adoecimento fisico-mental sob múltiplas formas.

Arquivo.indb 58 25/07/2022 13:36:19

4

Estranhamento como fato universal

O estranhamento nas condições históricas do capitalismo desenvolvido, perpassa não apenas o ato de consumo, mas o processo de trabalho capitalista em seu núcleo essencial. É no processo de trabalho e nas relações sociais de produção capitalista - incluindo o processo de circulação global do capital - que o estranhamento adquiriu seu estatuto historicamente originário. O trabalho, como observou Marx,

Arquivo.indb 59 25/07/2022 13:36:19

permanece sempre, necessariamente, o "reino da necessidade". Para Lukács, o desenvolvimento do socialismo visa precisamente dar formas humanamente adequadas ao trabalho e ao desenvolvimento da humanidade (uma problemática candente na era de decadência histórica do capital tendo em vista a precarização do trabalho). Lukács observou que Marx na "Crítica ao Programa de Gotha", asseverou que uma das condições para o comunismo, é que o trabalho se torne para o homem uma necessidade vital. O socialismo deve buscar *humanizar* o reino da necessidade.

Sob o capitalismo manipulatório, o trabalho adquiriu formas intimamente desumanas, tendo em vista a manipulação no sentido do controle da consciência – e pior, *com a crise estrutural do capital, a precarização do trabalho acentuou a dimensão de desumanização do trabalho alargando-a para o espaço do tempo liberado*. É o que temos denominado "captura" da subjetividade das pessoas-que-trabalham pelo capital (Alves, 2007). Na era da crise estrutural do capital, a totalidade social está permeada de elementos da sua *produção destrutiva*. O sociometabolismo do capital destrói efetivamente a natureza da qual é parte orgânica, o trabalho vivo. É nesse

Arquivo.indb 60 25/07/2022 13:36:19

sentido que diz Lukács (em 1965): "Hoje existe uma ciência do trabalho e uma assistência psicológica do trabalhador, mas elas têm como finalidade tornar-lhe aceitável por meio da manipulação, a tecnologia capitalista existente, e *não* servem para criar, ao contrário, uma tecnologia capaz de transformar o trabalho numa experiência digna de ser vivida pelo trabalhador" (Holz, Kofler e Abendroth, 1966: p.168). Mesmo com o progresso técnico-cientifico, o trabalho enquanto ineliminavel reino da necessidade, *não* se tornou "uma experiência digna de ser vivida pelo trabalhador". Pelo contrário, as pessoas-que-trabalham querem fugir dele, tendo em vista que não encontram nele elementos de dignidade humana. Pouco mais de duzentos anos de capitalismo industrial tornaram o trabalho uma experiência *indigna* de ser vivida pelo homem. E hoje, diante da lógica do *sobrevivencialismo* e da precarização dos estatutos salariais, as pessoas que trabalham estão acuadas pelo dominio integral do trabalho estranhado pela lógica social do toyotismo sistêmico. O trabalho enquanto atividade vital e ineliminável reino da necessidade, destrói a vida humana no sentido de que o tempo de trabalho deixa de ser o campo de desenvolvimento humano. É o que atestam hoje as estatísticas sobre adoecimentos no mundo do trabalho, por conta

Arquivo.indb 61 25/07/2022 13:36:19

das *pressões* por maior produtividade e cumprimento de *metas*, com metas desumanas e metas humanamente impossíveis. Na verdade, por mais que se tente "humanizar" os ambientes de trabalho, o trabalho capitalista não deixa de ser um trabalho estranhado no sentido de ser um trabalho-para-outrem, o outro estranhado, isto é, o capitalista ou o Estado (como forma política do capital); trabalho alienado das finalidades de fruição humano-genérica de homens e mulheres que trabalham. O mundo social do capitalismo tardio é marcado pelo estranhamento em suas múltiplas dimensões. Lukács salientou o estranhamento no trabalho, mas destacou também o estranhamento no consumo. Mesmo liberados do tempo de trabalho, os indivíduos não encontram uma vida plena de sentido. O capital aliena as pessoas não apenas no tempo de trabalho, mas no tempo de consumo e lazer que se tornam instâncias do estranhamento na medida em que o poder da ideologia enquanto manipulação adquire dimensões qualitativamente novas. Mas além do trabalho, consumo e lazer, a manipulação do capital perpassa outras instâncias da vida social, como a *política* e a *cultura* – dimensões essenciais da formação da genericidade humana.No caso da esfera do consumo, a impossibilidade do capital tardio em transformar tempo livre em *otium*,

Arquivo.indb 62 25/07/2022 13:36:19

é a maior demonstração de que, como observou Lukács, "esta manipulação é contrária aos interesses propriamente humanos". Com o capitalismo manipulatório emergiu, com vigor inédito, o *poder da ideologia*: a ideologia enquanto manipulação. Diante disso, põe-se a necessidade política do trabalho ideológico (ou contra-ideológico), no sentido da praxis socialista capaz de esclarecer no plano da luta de classes, como a manipulação dos aparatos ideológicos do capital é contraria aos interesses propriamente humanos.

Lukács salientou que a manipulação não é onipotente. Por exemplo, observou: "Há vinte anos (por volta de 1948), existe uma luta permanente na *haute Couture* pelo fato de que ela, enquanto manipulação do traje feminino quer introduzir de qualquer modo as saias longas. É claro que isto acontece porque o lucro da indústria têxtil seria maior neste caso. A moda, que como se diz, é onipotente, fracassa, porém, neste ponto. Há vinte anos, em Paris, nos grandes desfiles de moda, continua-se a profetizar o encompridamento das saias; porém, neste ponto, as mulheres defendem seus direitos, porque as saias longas não são adequadas ao trabalho ou às subidas em um trem cheio" (Holz, Kofler e Abendroth, 1966:170) . O que se colocava naquela época - e mais do que nunca, hoje

Arquivo.indb 63 25/07/2022 13:36:19

tendo em vista o sociometabolismo da barbarie), são os interesses humanos no sentido da genericidade humana e nao apenas os interesses de classe *em si* e *para si* do proletariado. De acordo com o velho Lukács, nas novas circunstâncias históricas de crise ideológica do sistema global do capital, coloca-se a necessidade não apenas da consciencia *em si* e *para si* do proletariado, mas da consciencia de classe do proletariado *para além de si* (Mészáros, 2008:80-81).

Na entrevista de 1966, Lukács fez uma observação deveras interessante: "[...] [o processo de manipulação] trata-se verdadeiramente de um processo que não tem mais, como único ponto de referência, a classe operária; sob este aspecto, ou seja, quanto à mais-valia relativa e à manipulação, mesmo *a camada intelectual e toda a burguesia* estão igualmente sujeitas ao capitalismo e às suas manipulações, não menos do que a classe operária. Trata-se, por isto, de despertar a verdadeira *autonomia da personalidade*, e para isso o desenvolvimento econômico realizado até o presente momento criou as condições necessárias" (Holz, Kofler e Abendroth, 1966:165).

Assim, sob o capitalismo manipulatório, *não* é apenas a classe operária que está sujeita às misérias da manipulação, mas, mesmo a camada intelectual

Arquivo.indb 64 25/07/2022 13:36:19

e toda a burguesia, estão sujeitas ao estranhamento que amesquinha a autonomia da personalidade. A condição universal do estranhamento que envolve hoje, mais do que nunca, a humanidade, é o que temos denominado *condição de proletariedade,* condição existencial do gênero humano que subsumido ao sociometabolismo do capital (Alves, 2009) A burguesia e seus agentes sociais, amesquinhados pelo estranhamento, não tem a capacidade político-ideológica para promover a *negação da negação* - a negação daquilo que os nega, sendo incapazes de uma verdadeira consciência de classe "para além de si". Pelo contrário, a burguesia e suas *personas* sociais, na medida em que experimentam o estranhamento como *positividade*, estão condenadas ao trágico suplicio de serem, ao mesmo tempo, agentes (e vítimas) das misérias da manipulação do capital.

Nas condições do estágio avançado do processo civilizatório do capital, o problema da manipulação que alcançou seu auge com o capitalismo tardio, adquiriu um conteúdo problemático de novo tipo. A quantidade de trabalho necessário para a reprodução física do homem tem diminuido constantemente há pelo menos dois séculos, o que significa que, para todos os homens, pode ser encontrado hoje, mais do que em qualquer outra

Arquivo.indb 65 25/07/2022 13:36:19

época, o espaço necessário para uma existência socialmente humana. Esta redução das barreiras naturais, mesmo ocorrendo sob o sistema sociometabólico do capital, denomina-se "processo civilizatório do capital". A redução das barreiras naturais - a redução da quantidade de trabalho necessário para a reprodução física do homem, - não significa em si e para si, a emancipação social do trabalho, mas apenas a explicitação de seus pressupostos objetivos necessários frustrados pela relação-capital. Um momento histórico como este, aconteceu de modo economicamente limitado, com os pioneiros da civilização, quando, por exemplo, em Atenas, "a escravidão liberou do trabalho, uma camada privilegiada, permitindo assim o nascimento da grandiosa cultura ateniense". *Assim como na Grecia Antiga, a escravidão permitiu o nascimento de valores civilizatórios universais, sob o Ocidente tardio, o desenvolvimento do sistema de máquinas, no que ela representa de redução das barreiras naturais, permitiria,* desde que abolida a relação-capital, *um novo salto civilizatório, o desenvolvimento do socialismo*. O socialismo como sistema mundial significa não apenas a instauração de um novo modo de controle do metabolismo social, mas a salvação da humanidade de sua extinção irremediável tendo em vista o movimento destrutivo do

Arquivo.indb 66 25/07/2022 13:36:19

capital. Deste modo, podemos dizer que o socialismo tornou-se uma necessidade histórica imposta, não pelo esgotamento da capacidade civilizatória do capital, mas sim, pelas candentes contradições sociometabólicas que emergem no seio da civilização do capital e que podem levar à extinção da humanidade.

Lukács observou que é inegável que existem camadas sociais do proletariado para as quais ainda são válidas quanto ao nível de vida, as velhas categorias do capitalismo, e, segundo ele, "é naturalmente uma grande tarefa preparar o desaparecimento delas e exigir para o trabalhador um outro nível de vida". É possivel no interior do capitalismo tardio, melhorar o nível de vida de contingentes pobres do proletariado que ainda não tinham salários adequados e condições aviltantes de trabalho. Mas não há dúvida de que, para uma grande massa de trabalhadores assalariados, criaram-se *condições objetivas* capazes de tornar possível uma vida livre e adequada às exigências humanas. Por isso, para Lukacs, é necessário empreender uma ampla discussão sobre *as formas atuais da alienação* na medida em que presenciamos o acirramento da contradição histórica (objetiva e subjetiva) intrínseca ao proceso civilizatório do capital: *a contradição entre condições sociais materiais capazes em si e para si, de*

Arquivo.indb 67 25/07/2022 13:36:19

tornar possível uma vida livre e adequada às exigências humanas; e o modo de controle estranhado do metabolismo social do capital, baseado na divisão hierarquica do trabalho e propriedade privada dos meios de produção concentrados nas mãos dos oligopólios mundiais. A frustração das possibilidades objetivas de desenvolvimento humano-genérico, isto é, a irrealização efetiva das promessas contidas nas condições materiais abertas pelo processo civilizatório do capital, caracterizam o que Lukács denomina de estranhamento. Eis como o filósofo húngaro expõe, o problema do estranhamento:

"O desenvolvimento das forças produtivas é necessariamente também o desenvolvimento da capacidade humana, mas – e aqui emerge praticamente o problema do estranhamento – *o desenvolvimento da capacidade humana não produz obrigatoriamente o [desenvolvimento] da personalidade humana*. Ao contrário: justamente potencializando capacidades singulares, pode desfigurar, aviltar, etc., a personalidade do homem" (Lukács, 2013:561) [o grifo é nosso]

O desenvolvimento das forças produtivas enquanto processo civilizatório, isto é, a redução das barreiras naturais, significa o desenvolvimento da *capacidade humana*. Entretanto, como se expressaria o desenvolvimento das *capacidades*

Arquivo.indb 68 25/07/2022 13:36:19

humanas? Em primeiro lugar, pelo aumento da produtividade do trabalho humano, pelo domínio do espaço-tempo (meios de transporte e de informação); e pelo domínio das forças naturais (ciências naturais, médicas e biológicas). O progresso da ciência e da técnica como tecnologia, é um dado inquestionável da civilização do capital. Este é o sentido *instrumental* do conceito de desenvolvimento das forças produtivas. Em segundo lugar, o desenvolvimento da capacidade humana significou o desenvolvimento de habilidades humano-sociais capazes de promover o devir humano dos homens. O que implica conceber o ser humano como força produtiva não apenas no sentido instrumental, mas no sentido da afirmação da sociabilidade humana, mesmo sendo ela, *pressuposto negado do desenvolvimento humano* pelo sistema socimetabólico do capital. O processo de individuação concebido como desenvolvimento de capacidade humana dos individuos sociais tem sido crescente nos últimos séculos - mesmo que seja deturpado pelo capital (como individualismo). Novos modos de cooperação e de divisão do trabalho significam novos modos de organizar habilidades sócio-humanas capazes de impulsionar as forças produtivas do trabalho social, que são forças produtivas do capital. Por isso, hoje em dia,

Arquivo.indb 69 25/07/2022 13:36:19

os gestores do capital sabem que o incremento das forças produtivas do trabalho social implica não apenas investir em tecnologia (*hardware* ou *software*), mas em gestão/manipulação de habilidades/subjetividades humanas (*humanware*).

O capital como "contradição viva" opera a inversão/perversão do desenvolvimento das forças produtivas enquanto desenvolvimento da capacidade humana, sendo isto o problema do estranhamento que está está no âmago da "contradição viva" do capital. Eis como ele se apresenta:

PRIMEIRO, a *tecnologização das ciências*, que se rendem à instrumentalidade dos interesses da produção do capital; a tecnologia como forma social do capital imprime a marca da manipulação no esteio dos empreendimentos científicos. O que explica a crítica voraz que o último Lukács fez do neopositivismo como ideologia do mundo manipulado do capital;

SEGUNDO,a *(de)formação humana dos recursos de gestão/manipulação da produção e reprodução social.* Existe uma tênue (e perversa) linha de continuidade entre os novos métodos de gestão que prometem mais produtividade nas empresas e o discurso positivo da literatura de auto-ajuda que promete a auto-satisfação/realização pessoal. O sociometabolismo da barbárie que emerge com

Arquivo.indb 70 25/07/2022 13:36:19

a crise estrutural do capital, significa a corrosão extrema das capacidades humanas no sentido de efetivá-las em sua dimensão humano-genérico. Eis a "raiz" da crise de sociabilidade na era da crise estrutural do capital.

O termo "captura" da subjetividade do trabalho é paradoxal, pois efetivamente a subjetividade não se "captura". O ideal irrealizável de captura pelo capital se traduz em frustração e adoecimento do trabalho vivo por conta do estresse manipulatório. Nesse caso, explicita-se a contradição entre, por um lado, capacidades humanas efetivamente objetivadas no plano técnico-científico (por exemplo, a inserção de máquinas informacionais cada vez mais complexas); e por outro lado, capacidades humanas subjetivamente desefetivadas (frustradas/insatisfeitas) na medida em que o capital reduz a rica formação técnico-profissional do agentes subsumidos à lei do valor - isto é, a arcaica divisão hierárquica do trabalho e a precarização do estatuto salarial dos sujeitos. O desenvolvimento de (in)capacidades pelo capital abre um campo de contradições fulcrais entre, por um lado, *possibilidades objetivas de desenvolvimento humano postas pelo progresso técnico-científico*; e por outro lado, na medida em que o desenvolvimento técnico-cientifico é subjetivamente

Arquivo.indb 71 25/07/2022 13:36:19

mediado por agentes subsumidos à alienação e auto-alienação do capital, a possibilidade objetiva (real) interverte-se em *desrealização efetiva das promessas técnicas* que se manifesta como produção destrutiva do devir humano dos homens. O sociometabolismo do capital em sua fase de crise estrutural produz o devir desumano dos humanos - isto é, a barbárie social. O desenvolvimento da capacidade humana sob o capital não produz obrigatoriamente o desenvolvimento da personalidade humana.

O desenvolvimento de homens e mulheres como sujeitos humanos; ou o devir humano dos homens não depende em si, do desenvolvimento científico-tecnológico. Pelo contrário, o desenvolvimento das capacidades humanas sob o mundo social do capital - tanto capacidades técnicas intervertidas em (in)capacidades tecnológicas, quanto capacidades de formação intervertidas em manipulação deformativas - desfigura, avilta, etc., a personalidade das pessoas que trabalham. *A desfiguração e aviltamento da personalidade humana ocorre na medida em que o desenvolvimento das capacidades humanas potencializa, não as capacidades humano-genéricas, mas as capacidades singulares do homem que trabalha*. Esta é a idéia da formação de *personalidades imersos em parti-*

cularismos que habitam o mundo da *barbárie social* tal como nós a concebemos. Tanto os aparatos tecnológicos que organizam o espaço-tempo da produção e reprodução do capital, quanto os recursos de gestão/manipulação da subjetividade das pessoas que trabalham, contribuem para a (de)formação da personalidade humana por meio do cultivo de capacidades singulares (ou particularistas) das individualidades humanas. Muitos dos recursos tecnológicos- dos *gadgets hightechs aos* planos e equipamentos urbanísticos que organizam nosso estilo de vida burguês - contribuem para a (de)*formação de capacidades singulares* ou disposições egoístico-particularistas dos indivíduos.

O melhor exemplo é o privilegiamento dos automóveis em detrimento de transportes coletivos nos centros urbanos e a organização dos espaços urbanísticos em função dessa capacidade singular de locomoção espacial). Assim, a formação de capacidades singulares enquanto modo de deformação do ser genérico do homem, pode ser observada na degradação de espaços públicos e formas de sociabilidades coletivas nas metropoles modernas - em especial, no Brasil enquanto país capitalista dependente onde as misérias do capital adquirem feição extremas. Portanto, Lukács em sua última década

Arquivo.indb 73 25/07/2022 13:36:19

de vida, colocou importantes elementos para refletirmos sobre a problemática da barbárie social que caracteriza hoje, o tempo histórico do capital no século XXI. O conceito lukacsiano de estranhamento ilumina a morfoligia da barbárie social que *descapacita* o ser humano enquanto ser genérico, potencializando suas capacidades singulares, deformando-o como ser social no interior de uma sociedade "cada vez mais social" no sentido objetivo - eis a contradição extrema do nosso tempo histórico. Nunca fomos tão *sociais* (em termos de (socialização objetiva do trabalho); e ao mesmo tempo, nunca estamos tão reduzidos *a nós mesmos* (ensimesmamento). Esta potencialização de capacidades singulares em detrimento em capacidades humano-genéricas, explicita-se na corrosão do ideal de *coletividade* como espaço de desenvolvimento de individualidades sociais. O problema do estranhamento é a contradição lancinante do processo civilizatório do capital.

Arquivo.indb 74 25/07/2022 13:36:19

Referências

ALVES, Giovanni (2009) *A condição de proletariedade*, Editora Praxis: Bauru.

_____(2011) *Trabalho e subjetividade: O espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório*. Boitempo editorial: São Paulo.

_____(2018) *O duplo negativo do capital: Ensaio sobre a crise do capitalismo global,* Projeto editorial Praxis: Bauru.

COSTA, Jurandir Freire (2004) "Perspectivas da juventude na sociedade de mercado" In NOVAES, Regina e VANUCCHI, Paulo (Org.) *Juventude e Sociedade – Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, São Paulo.

FRANKL, Viktor E. (2005) *Um sentido para a vida: Psicoterapia e Humanismo,* Idéias e Letras, São Paulo.

_____(2003) *Sede de Sentido*, Quadrante, São Paulo.

_____ (2018) *O duplo negativo do capital: Ensaios sobre a crise do capitalismo global*. Bauru: Projeto editorial Praxis.

LUKÁCS, György (2013) *Para uma ontologia do ser social,* volume II, São Paulo: Boitempo editorial.

LUKÁCS, György (2020) *Essenciais são os livros não escritos: Ultimas entrevistas (1966-1971)*. São Paulo: Boitempo editorial.

LUKÁCS, György (2007). "As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem" In LUKÁCS, György. *O jovem Marx e outros escritos de filosofia*. Editora UFRJ, Rio de Janeiro.

_____(1999) *Pensamento Vivido – Autobiografia em diálogo*. Ad Hominam/Editora UFV, Viçosa.

LOJKINE, Jean (1995) *A revolução informacional*. São Paulo: Cortez.

HAN, Byung-Chul (2020) *Sociedade paliativa/A dor hoje.* Rio de Janeiro: Editora Vozes.

HOLZ, H., KOFLER, L. e ABENDROTH, W. (1969) *Conversando com Lukács*, Paz e Terra, Rio de Janeiro.

MARX, Karl (1996) *O Capital: Critica da economia política*, Livro 1, Tomo I, Editora Nova Cultural, São Paulo.

MÉSZÁROS, István (2006). *A teoria da alienação em Marx*. Editora Boitempo, São Paulo.

_____(2008) *Filosofia, Ideologia e Ciência Social*. Editora Boitempo, São Paulo.

_____(2002) *Para além do capital: Rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo editorial.

ROSDOLSKY, Roman (2001) *Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx*. Contraponto: Rio de Janeiro.

SCHOR, Juliet B. (2009) *Nascidos para comprar – Uma leitura essencial para orientarmos nossas crianças na era do consumismo*. Gente Editora, São Paulo.

TERTULIAN, Nicola (2007) El pensamiento del último Lukács" In In VEDDA, Miguel e INFRANCA, Antonino (Org.) *György Lukács – Ética, Estética y Ontologia*, Ediciones Colihue Universidad, Buenos Aires.

_____(2008) *Gyorgy Lukács: Etapas de seu pensamento estético*. São Paulo: editora Unesp.

Arquivo.indb 78 25/07/2022 13:36:19

Sobre o Autor

Giovanni Alves é professor livre-docente da Universidade Estadual Paulista (UNESP, campus de Marília/SP). É pós-doutor pelo Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra (Portugal); e pela Universidade Complutense de Madri (UCM). É pesquisador do CNPq; e autor de "Trabalho e subjetividade" (Boitempo editorial, 2011); "Dimensões da precarização do trabalho: Ensaios de sociologiua do trabalho" (Projeto editorial Praxis, 2013); "O duplo negativo do capital: Ensaios sobre a crise do capitalismo global" (Projeto editorial Praxis, 2018) e "O trabalho envelhecido", volume 1 (Projeto editorial Praxis, 2021), dentre outros livros e artigos na área de trabalho, sindicalismo, reestruturação produtiva, precarização do trabalho e saúde do trabalhador.

Arquivo.indb 80 25/07/2022 13:36:19

Arquivo.indb 81 25/07/2022 13:36:19